

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Relatório Final

Historiografia da precariedade habitacional em Manaus

Larissa Gabrielle da Silva 10266739

SÃO PAULO
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Relatório Final

Historiografia da precariedade habitacional em Manaus

Relatório final elaborado para a pesquisa vinculada ao Programa Unificado de Bolsas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Orientadora
Prof. Dr. Karina Oliveira Leitão

Larissa Gabrielle da Silva 10266739

SÃO PAULO
2019

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir para a caracterização das diversas formas com que a precariedade habitacional se manifesta pelo território brasileiro, a fim de investigar alternativas de intervenção no espaço que levem em conta os contextos regionais de um país tão diverso como o Brasil, seus costumes e história local, além de possibilitar o acesso à condições dignas de vida por parte da população mais pobre. Está inserida na Fase 02 do projeto Atlas da precariedade habitacional no Brasil: particularidades regionais e desafios para urbanização pelo Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab) da FAU USP e em associação com o projeto de mestrado intitulado “A violência nos processos estatais de desterritorialização: da Manaus sobre as águas do século XX à cidade de hoje”, orientado pela orientadora desta pesquisa. Das cidades escolhidas para análise no projeto do LabHab, o estudo de caso de Manaus e a ocorrência histórica dos assentamentos úmidos na região foram feitas por esta pesquisa ao longo dos doze meses de vigência do edital 2018-2019 do PUB USP. Levantando dados por meio de jornais e fotos desde o século XX até hoje, buscou-se compreender as dinâmicas de territorialização e desterritorialização dos habitantes de assentamentos úmidos em Manaus, que se deram sobre conflitos entre os agentes de produção desse espaço - a população ribeirinha, o Estado e também a elite manauense. O panorama obtido proporciona uma compreensão geral das formas de vida e sua localização no território da cidade, identificando bairros, equipamentos, locais, obras públicas, figuras públicas e acontecimentos que contribuem para o avanço da identificação das particularidades dos assentamentos da região Norte do país.

Palavras-chave: Produção do espaço, precariedade habitacional, assentamentos úmidos, políticas habitacionais, palafitas, flutuantes;

1. Introdução

O povoamento da Amazônia e a consolidação de suas cidades se deu através de processos históricos descontínuos e desafiadores, tendo em vista as características do bioma Floresta Amazônica e seu imenso território e grandes distâncias (VALLE, 2013). Nos processos da colonização brasileira, as terras que foram pioneiramente ocupadas eram as litorâneas, enquanto que o interior do Brasil apresentava grandes desafios para os colonizadores. Nesse sentido, criou-se uma cultura de poder que era exercida à distância e com pouco investimento nessas terras longínquas, no qual o maior interesse era apenas a manutenção da posse do território. Esse tipo de ocorrência se deu em diversos períodos da história da atual Região Norte do Brasil, os quais envolvem desde o seu “descobrimento” até os tempos mais atuais. José Aldemir (2014), discorre sobre esse tema e afirma o seguinte:

“[...] É a história inacabada, é o nunca chegar ao ponto de transição. Aqui se está sempre à espera das migalhas que são postas pelos de fora; isso ocorre por ser a história da Amazônia a história do atraso, uma história que não se conclui, uma história que não chega ao fim.” (OLIVEIRA, 2014, p.189).

Logo nos primeiros contatos dos portugueses com o território amazônico o interesse circunstancial emerge, de modo que o território só passou a ser interessante para os colonizadores por conta do potencial navegável nos grandes rios. Um desses rios começava no Peru, região que já havia sido descoberta e foi denominada como “El Dorado” – fonte de riquezas inimagináveis – até desembocar no Oceano Atlântico, de modo que o complexo fluvial da região ofereceu os trajetos navegáveis para exploração de riquezas para diversas monarquias europeias (CANELLAS, 2015). No século XVII, por exemplo, alguns anos após

a ocorrência da famosa expedição de Orellana¹, a ligação fluvial entre o Peru e a atual região Norte do Brasil atraiu a atenção dos portugueses e, somente a partir de então, eles começam a se preocupar em resguardar e a se valer daquela terra.

“Podemos afirmar que o projeto colonial português para a região possuía três pilares: primeiro, a defesa do território contra invasores externos – ingleses, franceses e holandeses –; segundo, a exploração de riquezas minerais; e terceiro, a captura do indígena e sua utilização como mão-de-obra escrava.” (CANELLAS, 2015, p.3).

O mapa abaixo, que data de 1562, já mostra o conhecimento desta ligação fluvial, dando um grande impacto visual a imensidão do Rio Amazonas.

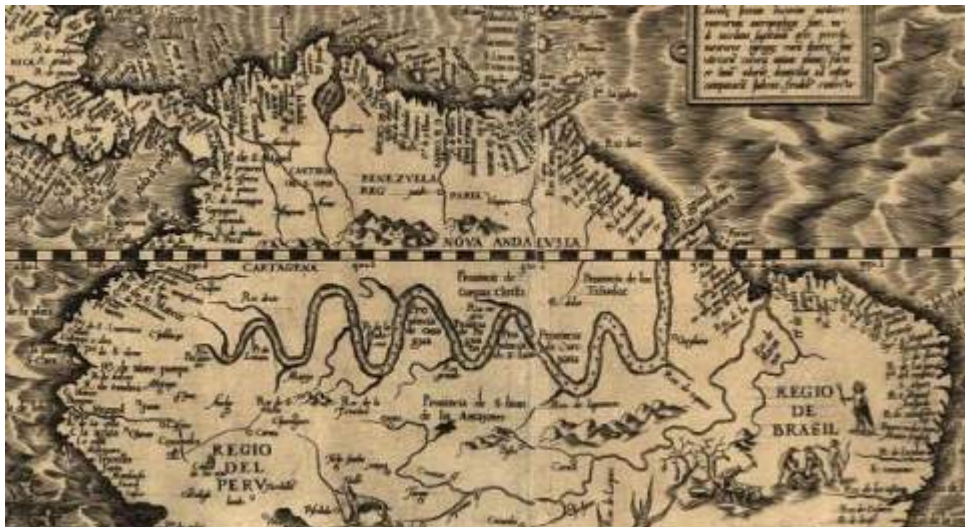


Imagem 1: Mapa da América do Sul de 1562 (Diego Gutierrez, autor do mapa) com destaque para o Rio Amazonas serpenteando entre o Peru e o Brasil. (Fonte: Library of Congress)

No caso da cidade de Manaus, essa surge como uma das inúmeras fortificações que os portugueses ergueram pela região, chamando-a de Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro. Foi construída em 1669, com o objetivo de ocupar e proteger um ponto estratégico

¹ Francisco Orellana foi um explorador espanhol que contribuiu na conquista do Peru e na expedição de descobrimento do Rio Amazonas, desde sua nascente no Peru até sua foz na ilha do Marajó em 1542. Deu origem ao nome de “Amazonas” para nomear o grande rio, por ter visto índias guerreiras em suas margens que o lembrou das Amazonas da mitologia grega.

para os portugueses, situado na confluência dos rios Negro e Solimões. Somente em 1832 a fortaleza foi elevada à categoria de vila, recebendo o nome de Vila de Manaós. E em 1848 foi elevada à categoria de cidade e seu nome é modificado para Cidade da Barra do Rio Negro, mas em 1856 foi retomado o nome de Manaós (CANELLAS, 2015). A imagem abaixo expressa o tamanho que a cidade havia atingido até este momento:



PLANTA DE MANAÓS EM 1856

Imagem 2: Mapa da Cidade de Manaós em 1856.

(Fonte: Instituto Durango Duarte)

“Em publicação datada de 1873, o cônego Francisco Bernardino de Souza informava que Manaus possuía mais de vinte ruas, onze travessas, três estradas, sete praças, pelas quais se distribuíam quatrocentas e noventa e quatro casas, sendo duzentas e cinquenta e cinco cobertas com telhas e duzentas e trinta e nove com palha, notando ainda que, entre as primeiras, havia dezoito sobrados. O comércio era constituído por quarenta e nove casas comerciais.” (MESQUITA, 2010, p.124).

Os principais registros dessa época se encontram em mapas antigos e nos registros escritos durante as expedições de diversos viajantes (MESQUITA, 2010). Porém, para atender o objeto de estudo e os interesses da presente pesquisa, salienta-se dois fatos significativos: a) a falta de uma atividade econômica de relevância nacional até esse momento; e b) as mudanças do nome da cidade de Manaus à época, ou seja: São José da

Barra do Rio Negro e Manaós². O primeiro desses era de semântica portuguesa, e o outro um termo de origem indígena.

Por muitos séculos Manaus foi uma pequena cidade, distante e desconhecida. Era apenas um pequeno porto entre o Rio Negro, o Rio Solimões e o Rio Amazonas. Porém, a partir de 1879 a cidade passou por um processo de crescimento acelerado, motivado pela extração do látex para fabricação da borracha. Nesse período áureo, Manaus viveu uma verdadeira Belle Époque, com muitos investimentos estrangeiros e grandes obras de infraestrutura que fizeram a cidade ficar conhecida como a Paris dos Trópicos (SOUZA, 2017). Nesta fase, fim do século XIX e começo do XX, a cidade teve a implementação de bondes, iluminação pública, pontes e grandes palacetes como o Teatro Amazonas (1896).



Imagem 3: Mapa da Cidade de Manaós em 1906. (Fonte: Instituto Durango Duarte)

² Na realidade, o termo Manaós, apropriado como nome da cidade, nada mais é que uma referência ao processo violento de colonização do território. Os Manaós eram um dos povos que habitavam a área onde atualmente se encontra a cidade de Manaus. O povo Manaós possuía uma liderança forte, de nome Ajuricaba, que em dado momento deixou de cooperar com os portugueses e estabeleceu um embate sangrento que só terminou com a morte dele e a derrocada da resistência. Ou seja: o nome da cidade faz referência direta a uma conquista portuguesa que foi bastante exaltada naquele momento. (CANELLAS, 2015)

Em 1906, já se verifica uma ampliação da cidade, apresentava o modelo português de urbanização, onde cada quadrícula da imagem acima conformava ruas e lotes. Observa-se, também, que as quadrículas se desviavam da sua ortogonalidade, nas proximidades dos igarapés³, os quais cortavam o território da urbe de então⁴.

A partir dessa data é possível verificar, através do mapa da Imagem 3, que investimentos em infraestruturas foram feitos, tal como o aterramento de alguns igarapés e a construção do porto flutuante conhecido por “Manaus Roadway”. Foi desse modo que Manaus inaugura o século XX, como uma das maiores economias do país e capital do Estado do Amazonas. Sobre essa mudança no cenário da cidade em meados do século XX. Segundo o pesquisador Otoni Mesquita,

“A descrição desse povoamento a partir de características rudimentares, poderá ser convenientemente confrontada e contrastada com as imagens apresentadas no início do século XX, quando a imagem da cidade encontrava-se completamente transformada. O contraste resultante da confrontação das narrativas e das imagens difundidas nesses dois períodos distintos é um dos principais indícios que sustentam a hipótese de que, na última década do século XIX, ocorreu uma refundação da cidade.” (MESQUITA, 2010, p. 112).

A interpretação desse autor, citada no trecho acima, marca um salto significativo que a cidade experimentou no final do século XIX, por conta do período áureo da borracha, e ressalta a condição extremamente contrastante que amargou nas décadas seguintes. Essa dinâmica está expressa em projetos que modificaram tanto as feições da cidade quanto ao seu desenho anterior a esse processo de transformação. Assim, os novos contornos de Manaus a

³ Pequeno rio ou canal estreito que dá passagem as igaras - ou pequenos barcos - , riacho, ribeirão, ribeiro (ver <<https://michaelis.uol.com.br/>>, acessado em julho de 2018).

⁴ Muitos dos igarapés da Imagem 3 não existem mais, ou não estão à vista, em razão do processo de construção do PROSAMIM (programa do governo do Estado do Amazonas, entre os anos 2003 – 2014, que articulava ações ambientais e de infraestrutura com a construção de unidades habitacionais sobre os rios canalizados. Esse programa desterritorializou diversas famílias que moravam em palafitas nesses igarapés centrais de Manaus).

colocaram no cenário nacional e mundial, passando a ostentar das arquiteturas mais sofisticadas que haviam sido instaladas sobretudo na Europa.

Todavia, esse momento glorioso foi fugaz, pois o virtuoso processo econômico do período da borracha dependia apenas da extração e do envio dessa matéria-prima, o látex, para outros países. Mas esse modelo mostrou sua fragilidade logo que passou a ter concorrência⁵, resultando na queda do valor da borracha no mercado internacional. Nesse período o Norte do Brasil entra em crise e deixa de atrair investimentos internos e externos (SOUZA, 2017). Para José Aldemir Oliveira (2014), a “partir da crise da borracha, a Amazônia retorna à condição de região-problema.”

Com essa crise econômica instaurada, Manaus atravessou um intenso processo de esvaziamento da elite investidora e uma concentração da população pobre e trabalhadora da borracha. Para agravar a situação, os governos nacionais pouco contribuíram para sanar tal crise e, segundo Barbara Weinstein (apud OLIVEIRA, 2010: 32) a “falta de um projeto de desenvolvimento regional, a ocupação difusa das populações produtivas e a visão empresarial exploratória definiriam a imediata estagnação também das cidades”.

No mapa abaixo, de 1938, constata-se o quanto essa crise abalou o desenvolvimento da cidade (OLIVEIRA, 2010), pois há poucas mudanças em relação ao mapa anterior, do ano de 1906. A principal diferença que há entre esses dois mapas foi o surgimento dos bairros de Educandos e de São Raimundo⁶, os quais se situam nas margens dos igarapés que estabeleciam o limite da ocupação do centro da cidade daquele período.

⁵ Mudanças de seringueira são levadas para a Malásia que começa a disputar Mercado com a borracha amazônica, de modo que o preço dessa matéria-prima entra em declínio (OLIVEIRA,2010).

⁶ Ambos os bairros são populares e começaram a surgir sem planejamento após a crise da borracha, até hoje esse bairros são conhecidos pelas ocupações em palafitas.



Imagem 4: Mapa da Cidade de Manaus em 1938.
(Fonte: Instituto Durango Duarte)

O período econômico da borracha havia atraído muitas migrações para o solo amazônico, principalmente de nordestinos que fugiam da miséria e das grandes secas da região Nordeste (VALLE, 2013). Esses migrantes se instalavam nas fazendas de borracha no interior do Estado, mas com a queda da produção gomífera – ou seja, de látex –, muitos deles não conseguiam retornar para os seus locais de origem, tendo como opção a procura de alguma atividade econômica de subsistência na cidade de Manaus (OLIVEIRA, 2008).

Sem acesso à cidade formal, essa população migrante ficou a deriva, pois a administração pública manauense não tinha interesse nem possibilidades econômicas para dispor de sua infraestrutura para incorporar essa nova população. Por essa razão, esses ocuparam o único território possível, destituído de valor, pois era terra devoluta num

território onde as terras eram abundantes e não tinham grande valor de mercado: as águas do Rio Negro. Tal falta de mobilidade social desencadeou um processo de construção de moradias sujeitas às intempéries climáticas e aos riscos ambientais, por causa de um grande grau de precariedade. Com o passar dos anos, as unidades que inicialmente eram dispersas se adensaram, passando a ter uma caracterização urbana, onde as marombas – ou pontes – articulavam as unidades à cidade, formando passagens como se fossem ruelas. (SOUZA, 2018).

“Justo porque vivemos o dilema da própria história brasileira da contradição e da oposição entre a modernidade e o atraso; não temos por que negar o que fomos. Não temos porque esquecer o que construímos naquele momento específico. Não erigimos um Teatro de Óperas, mas conseguimos uma proeza tão mais complexa quanto essa: construímos uma cidade em cima das águas do Rio Negro.” (VALLE, 2013, p.52).

Segundo Leno José Barata Souza (2010), a “Cidade Flutuante” correspondia a “um conjunto de casas de madeira construídas sobre troncos de árvores capazes de torná-las flutuantes sobre as águas do rio Negro e igarapés da cidade de Manaus”. A Cidade Flutuante era uma manifestação da cultura cabocla fundida com a nordestina, sendo essa última uma identidade descontextualizada⁷, forçada pela miséria e a migração. Contudo, essa mescla de culturas foi capaz de criar uma terceira identidade e um novo modo de vida, muito ligada a natureza e bastante marcada pela subsistência. A “Cidade Flutuante” existiu dos anos vinte até meados dos anos setenta, formando um período lembrado pelas elites locais como “[...] um hiato, um vazio de nossa história na cidade, conhecido como o período da ‘Grande Crise’ e de ‘Estagnação de Manaus.’” (VALLE, 2013).

⁷ Para OLIVEIRA (2008) este momento significou um momento de ruptura para a comunidade nordestina, que precisou se recriar, uma vez que o estado não cumpriu com a palavra de leva-los de volta para sua região de origem. De modo que ir para a cidade e começar a ocupar os rios foi um ponto de transição cultural.



Imagem 5: Cidade Flutuante de Manaus.
(Fonte: Acervo pessoal do Prof. Otoni Mesquita.)

A imagem acima demonstra a proporção que a “Cidade Flutuante” tomou. A citação abaixo discorre sobre a complexidade urbana que esta “cidade” abrigava:

“[...] Em outras palavras com João Cesário, os flutuantes ainda se justificaram como uma ‘cidade’ pelo fato de serem um território de diversas atividades comuns a Manaus na qual era morador, tanto que, para além a margem de seu quintal, sobre os igarapés e o Rio Negro, proliferavam segundo ele me contou: ‘flutuante de moradia, flutuante de comércio, de quase todo o tipo de comércio, estiva, ferragem, restaurante, gabinete de dentista, consultório médico, drogarias, oficinas mecânicas de conserto de motor marítimo, tinha tudo!’ (entrevista em 17/06/2005, apud SOUZA, p. 153, 2010)

A Cidade Flutuante encontrou seu viés de crescimento dentro da incapacidade do Estado em prover habitação à população pobre de Manaus (SOUZA, 2018). Porém, com o passar dos anos e a consolidação dessa ocupação como um núcleo expressivo de Manaus, a sua imagem de pobreza e precariedade começou a constranger a cidade.

Porém, por volta dos anos 1967, por estímulo do Governo Militar de então, a administração pública pretendeu transformar Manaus novamente em uma referência nacional e internacional. Para tanto, a Cidade Flutuante foi desmontada no início da fase de instalação da Zona de Franca de comércio e serviço em Manaus. Havia nesse momento incentivos fiscais às empresas que se instalassem na cidade, pois os Governos Federal e Estadual entendiam que essa era a melhor estratégia para preencher o “grande vazio”, tal como eles consideravam a Amazônia à época (OLIVEIRA, 2014).

Conforme Roberto Souza (2018, p.27), a Zona Franca de Manaus - ZFM “é o modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo brasileiro objetivando viabilizar uma base econômica na Amazônia Ocidental, para promover a melhor integração produtiva e social dessa região ao país, garantindo a soberania nacional sobre suas fronteiras.”

Evidentemente, tal projeto governamental estava em desacordo com as necessidades e demandas das populações pobres locais, mas prevaleceu os interesses do Estado Nacional e das elites locais, que acabaram consolidando ainda mais a cidade de Manaus como um território de disputa social e de graves diferenças. Segundo Henri Lefèbvre (2008), esse é um retrato da cidade capitalista, onde:

“As contradições do espaço não advém da sua forma racional, tal como ela se revela, nas matemáticas. Ela advém do conteúdo prático e social e, especificamente, do conteúdo capitalista. Com efeito, o espaço da sociedade capitalista pretende-se racional, quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Assim ele é simultaneamente global e pulverizado. Ele parece lógico e é absurdamente recortado. Essas contradições aparecem no plano institucional.” (LEFEBVRE, 2008, p. 57)

A cidade de Manaus que existe hoje foi construída pela lógica capitalista e é extremamente pautada pelas disputas e diferenças sociais. Essa condição não é apenas a de

Manaus, por óbvio, já que a grande maioria das cidades do país se consolidaram sob essa lógica socialmente conflituosa. No entanto, a breve introdução teórico-temática apresentada até aqui tem a intenção de montar um painel resumido do processo histórico da construção da cidade de Manaus, evidenciando que se trata de um território de disputa social entre as mais distintas comunidades e etnias em seu processo de fundação e consolidação.

Os parágrafos acima também indicam as intervenções mais expressivas das elites locais e do Governo Federal na formação da cidade, assim como assinala a ausente ou deficiente visão regional embutida na implementação de seus programas, que quase sempre estiveram preocupados com a ocupação do “vazio amazônico”, com a rentabilidade econômica e integração da Amazônia com outras regiões do Brasil e com a segurança nacional. Embora esses elementos sejam importantes, esses processos muitas vezes tiveram como resultado uma enorme violência em relação a população local e as comunidades tradicionais. Tem disso desde a invasão e instalação dos portugueses na Amazônia até o presente, com destaque especial para o desmanche da Cidade Flutuante.

Para efeito deste projeto de pesquisa, interessa em particular o marco temporal do desmonte da Cidade Flutuante, pois ele representa a lógica de violência mais recente, uma violência urbana diretamente relacionada com as populações caboclas e nordestinas, as quais deram e dão expressão identitária e cultural singulares à Manaus, embora sejam essas as parcelas da sociedade manauense sempre excluídas dos processos decisórios e quase sempre dos projetos urbanísticos da cidade. Essa lógica expressa ainda hoje o modo como a administração pública obstrui o desenvolvimento das habitações úmidas do local.

Leno Souza (2010, p.321) reitera tal entendimento, ao afirmar que “apesar das ações de força e truculência, pós-64, os moradores de flutuantes ainda resistiram por mais dois anos”. Tanto é que algumas pessoas lembram disso, tal como segue no fragmento dessa

entrevista: “lembro mesmo do barulho, ‘pool!’, que fazia quando o cabo de aço do rebocador da Capitania arrastava o flutuante pela sua ‘cumeeira’, arrasando, por completo, as instalações das casas.” (SOUZA, 2010).

Depois desse processo violento, orquestrado pelo Governo Militar e a elite local, não houve política habitacional que equacionasse as necessidades das pessoas que foram desterritorializadas. Por esse motivo, parte dessas pessoas foram ocupar bairros periféricos da cidade e outras construíram suas casas em forma de palafitas, nos igarapés de Manaus (SOUZA, 2010; SOUZA, 2018). Por essa razão, o presente projeto de pesquisa dá atenção para esse aspecto da história da cidade de Manaus, através de prismas da violência social e territorial, tendo como mote os bairros e assentamentos úmidos da capital, bem como contemplará uma mudança das narrativas hegemônicas sobre a cidade, que raramente adicionam este tema.

Assim, de um ponto de vista contemporâneo, as ações de desterritorialização continuam existindo como prática de remoção das habitações úmidas. Entre os anos de 2003 e 2014, por exemplo, o Estado do Amazonas investiu no projeto PROSAMIM, teve três fases. Esse projeto removeu as populações que habitavam os igarapés centrais da cidade, canalizaram e aterraram os rios e construíram novas habitações nas áreas aterradas. Contudo, como o universo das ocupações sobre palafitas é significativa, somente um pequeno percentual dos habitantes permaneceram no centro da cidade. A maior parte foi removida para assentamentos periféricos ou vivem com algum auxílio moradia concedido pelo governo (SOUZA, 2018).

“Os pobres da cidade eram ninguém, seus rostos queimados pelo sol, seus corpos impregnados do odor da borracha, suas mãos calejadas pelo manuseio de pedras e tijolos das grandes construções e de aparelhos eletrônicos, seus corpos cansados de uma jornada estafante de trabalho numa linha de montagem não contam na espacialização da cidade. Eles são os outros e a cidade embelezada não tinha e não tem lugar para eles.” (OLIVEIRA, 2008, p.36)

Desse modo, Roberto Souza (2018) argumenta que esses processos históricos de desterritorialização não cumpriram o que prometeram em termos de melhoria da precariedade habitacional. Mesmo nos dias de hoje, Manaus permanece apresentando dados alarmantes (ver o mapa abaixo), os quais indicam a necessidade de repensar os modelos e os interesses que nutriram as políticas habitacionais da cidade em sua História. Está claro, pois, a demanda de se buscar uma nova concepção, a qual dedique mais qualidade de vida aos habitantes pobres.

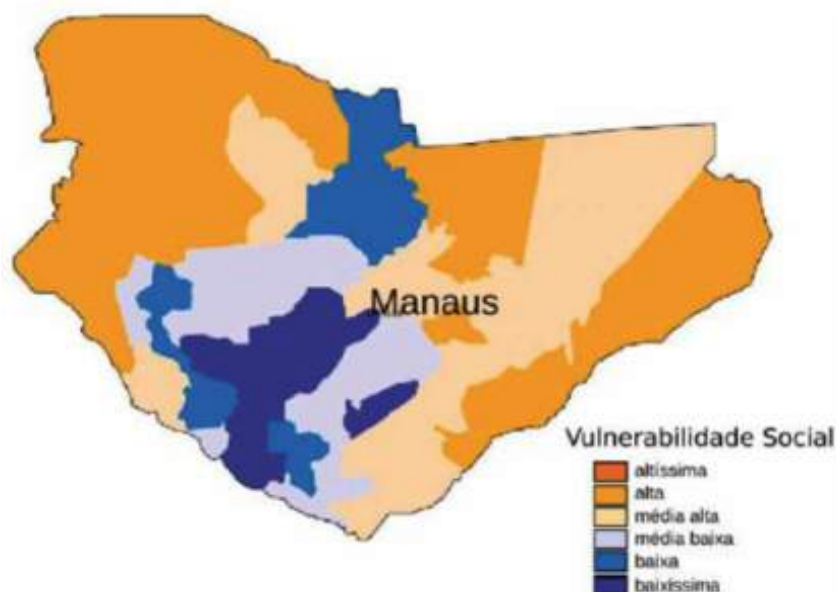


Imagem 7: Imagem que representa a vulnerabilidade social na em Manaus.⁸ (Fonte: IPEA, 2016)

⁸ A imagem acima situa a vulnerabilidade social na cidade de Manaus e demarca os principais polos das áreas mais periféricas da cidade, espaços esses que foram ocupados pelos antigos moradores da Cidade Flutuante.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

Esta pesquisa objetiva contribuir para a historiografia da precariedade habitacional no território brasileiro, a fim de elucidar alternativas de intervenção no espaço que levem em conta os contextos regionais de um país tão diverso como o Brasil, seus costumes e história local, além de possibilitar o acesso à condições dignas de vida por parte da população mais pobre. Com o olhar voltado para a região Norte do país se espera compreender o processo de produção do espaço de Manaus por meio das moradias palafíticas e flutuantes e reunir dados sobre a cidade para dar andamento no projeto de caracterização e compreensão desse tipo de produção popular.

2.2 Objetivos específicos

- I. Investigar por meio de jornais e fotos lugares, bairros, comércio, equipamentos públicos e referências espaciais que digam respeito à tradição e história popular ribeirinha de Manaus.
- II. Identificar por meio de jornais e fotos mecanismos, como políticas estatais e influência política e econômica da elite manauense, na desterritorialização da população pobre da cidade.
- III. Reunir acervo suficiente para relacionar padrões de precariedade nos assentamentos úmidos e suas mudanças ao longo do século XX até os dias atuais.
- IV. Reunir acervo de material de jornais e fotografias buscando posteriormente cruzá-los para obter dados espaciais da precariedade em Manaus ao longo do tempo.

3. Métodos

Para reunir acervo sobre a Manaus, definiu-se dois métodos e seus respectivos objetos de análise:

I. Pesquisa de material em jornais antigos

Objeto: Acervo online da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Jornal do Commercio do Amazonas (1905-2007)

II. Pesquisa de material iconográfico do tipo fotografias

Objeto: Acervo online do IBGE de fotos da cidade de Manaus (1950-1970) e acervo online do IMS do fotógrafo Marcel Gautherot sobre Manaus (1955-1966)

A pesquisa das fotografias se deu nos dois acervos online encontrados no site do IBGE em sua biblioteca, e no site do IMS onde há uma coleção das obras do fotógrafo Marcel Gautherot. Para seleção das imagens foi buscado o termo Manaus em suas respectivas áreas de pesquisa, e selecionou-se as fotos que diziam respeito à palafitas e à cidade flutuante.

No caso dos jornais, a busca foi feita na hemeroteca da Biblioteca Nacional, por meio do Jornal do Commercio do Amazonas (1905-2007), onde selecionou-se termos que estivessem relacionados ao perfil de precariedade presente em Manaus, grafando as reportagens encontradas na pesquisa que cada termo proporcionou e que fossem relevantes para os resultados dessa pesquisa.

4. Resultados

Para apresentar os resultados obtidos por meio da pesquisa dividiu-se eles em duas partes: a primeira trata da história oficial do século XX e início do XXI sobre a precariedade, selecionando as reportagens mais relevantes sobre o assunto no Jornal do Commercio do Amazonas, mostrando recortes das matérias além de anexar ao corpo do texto as tabelas obtidas com o destrinchamento dos termos; e a segunda parte, demonstra por meio da materialidade visual que a fotografia - pelos acervos do IBGE, que incluem diversos fotógrafos e também o acervo de Marcel Gautherot no IMS - proporciona os padrões da precariedade manauense e o modo de vida da população ribeirinha nas palafitas e flutuantes, os elementos de sua vida cotidiana e seus costumes.

Longe do desejo de querer demonstrar essa história apagada como recuperada por completo apenas com material obtido até aqui, os levantamentos feitos ao longo dos doze meses de pesquisa buscam abrir o caminho para uma historiografia da precariedade na cidade de Manaus. As próximas páginas irão se concentrar em fazer comentários gerais tanto sobre as tabelas, seus termos e reportagens como sobre as fotografias.

4.1 Jornal do Commercio do Amazonas (1905-2007)

Para a pesquisa no Jornal do Commercio do Amazonas escolheu-se um agrupamento de termos que se relacionassem com a questão da precariedade em Manaus. Para a maior parte dos termos, as ocorrências - locais do jornal em que o termo apareceu - foram lidas e verificou-se a relação com a pesquisa. As que apresentassem relação foram inscritas na tabela exclusiva para o termo. Outra parte dos termos, mais gerais e de maior ocorrência no jornal por se tratarem de nomes de bairros e outras terminologias genéricas, foram pesquisados de forma aleatória, onde um certo número de reportagens foi aberto por ano, e as temáticas de maior frequência e relevância foram anotadas por década na tabela exclusiva para o termo.

Tabela 1: Relação dos termos pesquisados e suas ocorrências no jornal

TERMO	OCORRÊNCIA (1905-1980)	OCORRÊNCIA (1980-2007)	OCORRÊNCIA (1905-2007)
Cidade Flutuante	181	70	251
Conjunto Habitacional	592	260	852
Constantinópolis	1285	72	1357
Educandos	6192	4590	10.782
Favela	491	878	1369
Igarapé	6728	3910	10.638
Manaus Moderna	834	8	842
Palafitas	225	77	302
Remoção	2212	1600	3812
Ribeirinho	262	227	489
São Raimundo	8782	4179	12.961

Na hemeroteca o jornal está dividido em dois grupos: um que contém as edições de 1905 a 1980 e outro de 1980 a 2007. Na última coluna da tabela acima há a soma das ocorrências em todo o período do jornal. Optou-se por mostrar na tabela o agrupamento próprio da hemeroteca da Biblioteca Nacional pois é possível ver em que período há mais ocorrências de certo termo, o que pode em algumas situações ser um dado importante para análise. Os termos grafados em branco são os quais todas as ocorrências foram analisadas, ou seja, o número total da última coluna. Já os termos grafados em cinza são os que foram abertas ocorrências aleatórias por ano, em número bem menor que os termos em branco, fazendo uma vista geral da palavra ao longo das décadas no jornal.

Os resultados da pesquisa no jornal serão apresentados a partir dos termos, mostrando recortes de reportagens relevantes além da tabela que contém todas as reportagens destacadas para análise.

Cidade Flutuante

Tabela 2: Reportagens levantadas sobre a Cidade Flutuante

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1960	17261	Verdadeira Cidade Flutuante na Orla de Manaus
1963	18136	“Cidade Flutuante”: Sombrio quadro social que se aproxima das favelas sul
1964	18462	A luta sobre as favelas
1964	18472	Plano Habitacional
1964	18523	Proibida a construção de flutuantes
1964	18526	Está sendo planejada a limpeza da área fluvial
1964	18550	“Operação Limpeza” na orla marítima continua
1964	18565	Cem milhões para extinguir a “Cidade Flutuante” e instalar Núcleo Agrícola
1965	18672	Decreto governamental institui a Comissão Executiva de Extinção da CF
1965	18693	Em Petrópolis o primeiro núcleo residencial
1965	18744	Habitação e Escola
1965	18867	Capitania dos Portos conclui a campanha de extinção da “CF”: êxito
1966	18948	Paulo Nery vai fazer Balneário onde foi a CF
1966	19043	Os que vivem a margem
1969	20048	Um horizonte de mudança ou um pungente tédio de miséria
1971	20661	Na “Cidade das Palhas” vive-se ao acaso e morre-se sem saber de quê
1977	22514	Já começa surgir em embrião uma nova CF
1977	22581 A	Escadaria dos remédios continua sendo com problemas desafio às autoridades
1977	22590	Ameaça a Cidade
1978	22561 A	Nova cidade Flutuante?
1979	22626	Perigo de enchente começa a virar êxodo de ribeirinhos e favelas na ZFM
1980	23159	Flutuantes Saem e Remédios será uma hidroviária
1986	34125	São 45 anos de abandono (Glória)

Verdadeira cidade flutuante na orla de Manaus

Os flutuantes de Manaus, ou sejam as residências e casas de comércio construídas sobre toros de madeiras leves, para uma eficiente flutuação, têm por muitos anos ocupado espaço nos jornais, geralmente combatidos por quanto estudam o problema, pois pela sua quantidade, já são realmente um problema, sobretudo no que se relaciona com os serviços sanitários. Particularmente estão neste caso os construídos dentro dos Igarapés que cortam a cidade, bastante diferentes daqueles que formam uma pequena cidade flutuante, na baía do Rio Negro. Nestes os problemas de higiene talvez não sejam peores do que nas pequenas barracas dos subúrbios, sendo muitos bastante confortáveis. No registro que ora fazemos queremos ressaltar o aspecto curioso que oferecem, podendo virem a ser uma curiosidade sobre essa cidade flutuante, achando-a surpreendentemente entusiasmada sobre essa cidade flutuante, achando-a surpreendente. Embora combatidos por muitos os flutuantes têm aumentado, nestes se processando intenso e volumoso comércio, no qual se inclui além dos gêneros de produção do Estado, também a compra de contrabando e furto, mas neste caso há medidas legais para coibir. A foto acima oferece uma vista aérea dos flutuantes, constituindo um bairro a parte, com suas ruas interiores. Os mais afastados, isolados, geralmente vendem infláveis.

Imagem 8: Recorte de jornal sobre a cidade flutuante da orla marítima de Manaus. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 17261, 1960)

“Operação Limpeza” na orla marítima continua

Nada menos de cem flutuantes já foram destruídos pelas autoridades estaduais e da Capitania dos Portos, como parte do programa de extinção da Cidade Flutuante.

Segundo sabemos, até julho de 65 não haverá sequer um flutuante residencial na Cidade Flutuante ou nos Igarapés que circundam Manaus.

Contatos

Continuam as audiências públicas do Capitão Gilberto Ferraz, dos Portos, com famílias residentes na rampa do Mer-

cado ou no litoral de Manaus. A propósito desses contatos a reportagem apurou que das 920 famílias já ouvidas, 110 já foram encaminhadas para o interior ou para lugares de sua propriedade dentro da capital. Outras já adquiriram terras e prepararam-se para a mudança, num total de 125 famílias.

No que se refere às famílias destinadas à agricultura em terras perto de Manaus, apuramos que já se prontificaram a seguir 130 famílias.

Imagem 9: Recorte de jornal sobre a “Operação Limpeza” para retirada de flutuantes da orla marítima de Manaus. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 18550, 1964)

PROIBIDA A CONSTRUÇÃO DE FLUTUANTES

Temos notícia de que o comandante Gilberto Ferraz, capitão dos Portos, vem desenvolvendo uma série de atividades no sentido de evitar a expansão da chamada Cidade Flutuante mediante a proibição da construção de novas casas. Deixou vários homens para policiar toda a margem do rio e Igarapés mandando suspender e desmanchar todas as construções em início. Cerca de vinte novas unidades já foram impedidas de continuar assim como proibido está que sejam construídos em locais distantes e rebocados alta noite para se incorporar à cidade flutuante.

Imagem 10: Recorte de jornal sobre a proibição de construção de flutuantes, para evitar sua expansão em igarapés e rios da cidade. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 18523, 1964)

CAPITANIA DOS PORTOS CONCLUE A CAMPANHA DE EXTINÇÃO DA "CIDADE FLUTUANTE": EXITO

Imagem 11: Recorte de reportagem de jornal sobre a situação dos flutuantes após sua remoção (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 18867, 1966)

NOVA CIDADE FLUTUANTE?

Foi divulgado com destaque, o surgimento de inumeros casebres nas proximidades da Praça dos Remédios (escadarias), construídos de pedaços de caixas. Já são mais de trinta, abrigando famílias oriundas de municípios próximos à Manaus. Diz a reportagem enfocando o assunto, que há mais de cinco meses teve início aquele aglomerado, o que demonstra a total possibilidade das autoridades competentes, que estão deixando crescer um problema que, mais tarde, para elas mesmo, tornar-se-á num grave caso social. Nas imediações da Praça dos Remédios, até a década de 60, existiu uma verdadeira cidade flutuante, que foi extinta em boa hora, pelo ex-governador Arthur Reis. Aquela "cidade flutuante" ficou célebre, figurando em várias reportagens no país, e mesmo no exterior. Agrupava milhares de pessoas, que viviam em condições sub-humanas, sem qualquer condições de higiene. Por outro lado, era refúgio de marginais, sendo frequentemente palco de cenas de sangue. A célebre "cidade flutuante", começou naturalmente apenas com um casebre. Começou da mesma maneira como está ocorrendo o atual núcleo de trinta casebres, que poderá tomar maiores proporções se não for colocado um basta. Qualquer providência neste sentido, agora, torna-se mais fácil. Mais tarde, a coisa ficará mais complicada...

Imagem 14: Recorte de jornal sobre o surgimento de novos flutuantes no mesmo local em que a Cidade Flutuante foi removida. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 22561a, 1978)

Na pesquisa sobre a Cidade Flutuante encontrou-se uma quantidade razoável de reportagens que descrevem a situação desse lugar, sua população e as ações estatais para sua remoção. Das matérias levantadas, uma boa parte tem conteúdo relevante para o objetivo da pesquisa, apresentando a história da precariedade do local. O Jornal do Commercio e o poder público sempre encararam a Cidade Flutuante como um entrave para o desenvolvimento de Manaus. Mesmo com tentativas de remoção, diversas vezes os habitantes desse espaço voltaram a construir seus flutuantes: na orla fluvial, próximo ao mercado municipal, na escadaria dos remédios, nos arredores do Educandos. Dentre as reportagens se destacam as manchetes que descrevem as operações de extinção dos flutuantes, como é possível ver acima nos recortes de jornal e também nos títulos presentes na tabela.

Conjunto Habitacional

Tabela 2: Reportagens levantadas sobre Conjunto Habitacional

ANO	EDIÇÃO	TÍTULO DA REPORTAGEM	ASSUNTO
1968	19792	GOVERNADOR DANILO AREOSA UTILISA COHAB-AM PARA MELHORAR PADRÃO DE VIDA DO OPERÁRIO	Conjunto habitacional do bairro Parque 10 em Manaus
1972	21162	JARDIM HAYDEA FOI INAUGURADO ONTEM	Conj. habitacional no bairro da Chapada, perto da Maromba
1974	21530	MANAUS VAI GANHAR MAIS MIL CASAS DA COHAB-AM	Cita os conj. habitacionais que já existem em Manaus e fala sobre a expansão habitacional na cidade
1978	22491B	JAPIIM: UM PÁSSARO SEM CANTO E SEM ASAS PARA CARREGAR SEU POVO	Condições de vida dos moradores da Japiimlândia
1980	22982	CIDADE NOVA DE UM SONHO A UMA REALIDADE	Fala sobre o conj. habitacional que está sendo construído e situa a situação da ZFM e a explosão demográfica
1981	32502	PROBLEMAS SOCIAIS SÃO ENTRAVE PARA UM POVO POBRE	Fala do surgimento de favela no entorno do conj. habitacional Ajuricaba
1984	33335	BNH LIBERA CR\$8,8 BILHÕES PARA MANAUS	Fala do Promorar em Manaus
1986	33991	SAMPAIO VAI INSISTIR NA IDEIA DE MUNICÍPIO	Transformar o conjunto Cidade Nova em município
1986	34026	FAVELAS MISTO DE AFLIÇÃO E ALEGRIA	Projeto Manaus Moderna retirando moradores de Igarapés e etc
1987	34424	MANAUS MAL TRAÇADA E MAL TRATADA	Roger Abraham, ex presidente do IAB, fala sobre Manaus, conjuntos habitacionais, precariedade, etc
1988	34542	PM EVITA INVASÃO DE TERRENO DO PARQUE 10	Fala sobre invasões de terrenos e como o governo pretende evitá-las
1988	34592	VIOLÊNCIA NA DISPUTA POR UMA ÁREA DE TERRA	Invasão de área de 29 mil m ² pertencente ao conj. habitacional Hileia II
1992	35804	PREFEITURA DE MANAUS MOSTRA A SUA CARA	Obras de saneamento básico, cita favelas e conjuntos
1992	35887	PREFEITURA DE MANAUS MANTÉM ACELERADO O RITMO DAS OBRAS	Obras de saneamento básico, cita locais, urbanização
1992	35872	SEMOSB INCREMENTA FRENTE DE OBRAS	Obras de saneamento básico, cita bairros, urbanização
1992	35849	CONJUNTO HABITACIONAL JAPIIM	Obras de recuperação de ruas, saneamento,

		RECEBE URBANIZAÇÃO COMPLETA	urbanização
1992	35846	PREFEITURA INCREMENTA PROJETOS DE URBANIZAÇÃO NOS BAIRROS DAS CIDADES	Obras de urbanização, explica os projetos. Pró bairros, pró vias, pró becos
1994	36397	SERVIÇO DE DRENAGEM EM TODA MANAUS	Frente de obras faz serviços de drenagem em bairros e conjuntos
1995	36747	INVASÕES DEPREDAM ÁREAS VERDES	Problema do déficit habitacional em Manaus, ocupações de áreas verdes de conjuntos etc
1996	36904	DRENAGEM DO HILEIA PREOCUPA MORADORES	Problemas enfrentados pelos moradores do conj. Hileia
1999	37831	APÓS 30 ANOS DE PROTESTO A REFORMA FOI INICIADA	Construção da nova feira da Panair no bairro Educandos
2004	39209	AÇÃO VISA QUALIDADE DE VIDA	Melhoria na qualidade de vida dos habitantes do conj. Cidadão I. Nesse conj moram reassentados de áreas de risco nas margens dos igarapés
2004	39145	SUHAB INVESTE R\$5,1 MI EM CONJUNTO HABITACIONAL	Conj no bairro Carlos Braga, abriga 1,8 mil pessoas que moravam em área de risco
2005	39436	ZONA NORTE ABRIGA O MAIOR BAIRRO DE MANAUS	Fala sobre o bairro Cidade Nova e de outros, sua história e formação
2007	39959	PROBLEMA DA ÁGUA SERÁ REGULARIZADO	Planos do PAC para Amazonas e Manaus. Construção de morádas

Depois de conviver 13 anos com alagações e com as péssimas condições do bairro de São Francisco, José Antônio de Matos, 68 anos, é uma pessoa apreensiva. O mesmo acontece com a senhora Maria Pereira da Silva que há 32 anos mora no bairro. Ela está apreensiva e aflita. Tudo porque nesse bairro o Governo do Estado está começando o Projeto Manaus Moderna, com drenagem do igarapé e desocupação. Mas os moradores não sabem de nada. Sabem que algumas famílias já foram deslocadas para as obras. Mas temem pelo seu futuro porque podem estar na mira das obras do Governo e temem perder o que têm para ir morar nos chamados "pombais", apelido dos moradores para as novas casas de 2 andares que estão sendo construídas para quem tiver sua casa desapropriada.

Mas há uns 3 quilômetros dali, cerca de

Imagem 15: Recorte de jornal sobre a remoção de famílias devido ao projeto Manaus Moderna. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34026, 1986)

Mas, há uns 3 quilômetros dali, cerca de 150 famílias ocupam os albergues conhecidos como "Gilbertões", uma espécie de conjunto habitacional feito de madeira. Essas famílias estão contentes com o Projeto Manaus Moderna que as retirou dos pântanos onde conviviam em situações precárias e conviviam em constante aflição, principalmente quando chovia ou era tempo de cheia dos rios. A alegria é maior quando eles falam das novas casas construídas que futuramente serão ocupadas por eles, próximas à nova pista que vai ser feita nas margens do São Francisco. É como diz o comerciante Guilherme Moreira da Fonseca, o seu "Didi", que morava na beira do igarapé há 8 anos, "a solução é muito boa. Saímos da lama," pondera ele, lembrando os tempos em que sua casa alagava e tinha grandes prejuízos. Trocar de terreno, sair da lama é ótimo também para Dilza Nobre Cardoso, moradora do São Francisco há 4 anos. Morando no albergue onde dispõe de 2 quartos, uma sala e cozinha, com assoalho de alvenaria e banheiro individual é um sonho para quem habitava numa construção de madeira que alagava constantemente. "Sempre quis ter uma casa e agora parece que o Governo lembrou da gente".

Imagem 16: Recorte de jornal sobre os Gilbertões, albergues para as famílias removidas pelo projeto Manaus Moderna e também opinião de moradores. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34026, 1986)

O termo Conjunto Habitacional não apresentou grandes contribuições para o conteúdo da pesquisa. Destaca-se a ação estatal na construção de conjuntos da Cohab-AM, obras de infraestrutura que são intensificadas a partir dos anos 80, além de políticas públicas como o Promorar, de construção de moradias na cidade de Manaus. Nessas reportagens é possível ter um panorama também da ação do governo federal nesse espaço, principalmente no que diz respeito ao investimento feito pelo BNH.

Constantinópolis

Tabela 3: Reportagens levantadas sobre o bairro de Constantinópolis

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	Citações sobre o bairro, ocorridos, chamamentos públicos, etc
1910-1920	Citações sobre o bairro, ocorridos, chamamentos públicos, etc
1920-1930	Anúncios, avisos, ocorridos, descrição sobre a vida no bairro, ocorridos no posto de saúde. Constantinópolis é antigo Educandos?
1930-1940	Avisos, causos, endereços
1940-1950	Acidente de trânsito, avisos, endereços, propriedades da prefeitura, problema com distribuição de água, venda de casa, anúncios, problemas envolvendo violência, festejos do bairro, fala-se de São Raimundo sempre também
1950-1960	Convites à eventos, rede elétrica, endereços, venda de casa, confusão entre Educandos e Constantinópolis,
1960-1970	Endereços, convites à eventos no bairro, sempre falando de São Raimundo também
1970-1980	Educandos e constantinópolis? Convites à eventos, problemas crimes, rede de esgoto
1980-1990	Cita nome do bairro em nome de locais como Atlética, Grêmio, Igreja, mas não como bairro
1990-2000	Comunidade de Constantinópolis, mas fala-se do bairro de Educandos. Cita-se bairro de Constantinópolis. Educandos virou constantinópolis, endereços.
2000-2007	3 citações com nome de Constantinópolis o bairro. Citações de locais com o mesmo nome.

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1929	8733	Habitantes de Constantinópolis e descrição da vida no bairro
1924	7055	Constantinópolis é antigo Educandos?
1995	36730	136 anos de Educandos (antiga Constantinópolis)
2005	39436	Educandos, explica a mudança do nome e bairro
2007	39683	Explica origem do bairro



Imagem 17: Recorte de jornal sobre a mudança de nome do bairro de Constantinópolis para Educandos. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 36730, 1995)

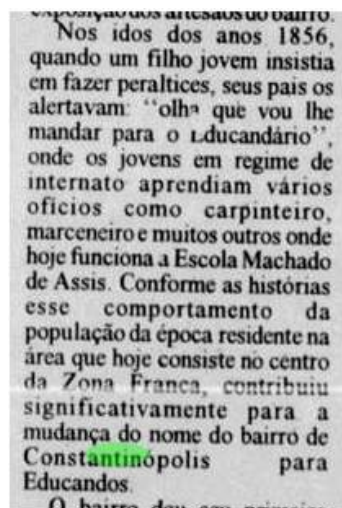


Imagem 18: Recorte de jornal sobre a mudança de nome do bairro de Constantinópolis para Educandos. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 36730, 1995)

Constantinópolis foi um dos nomes que o até hoje existente bairro do Educandos recebeu. Na pesquisa de tal termo, não recolheu-se informações relevantes sobre a precariedade no lugar quando ainda tinha essa nomenclatura, mas foi importante para elucidar como dado o fato da mudança do nome do bairro. É interessante dizer que pelo menos desde os anos 30 há reportagens no jornal que associam Constantinópolis como antigo Educandos. Os dados espaciais da precariedade, como ela se dava nesse território serão melhor expostos pelas reportagens vinculadas ao termo Educandos.

Educandos

Tabela 4: Reportagens levantadas sobre o bairro de Educandos

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	Avisos, terrenos à venda, corpos achados no Igarapé, editais
1910-1920	Venda de construções no bairro, criminalidade, endereços, anúncios, relação sempre com o Igarapé
1920-1930	Criminalidade, editais, venda de prédio no bairro
1930-1940	Avisos, editais, aleatoriedades
1940-1950	Incêndio no bairro, avisos, convites à eventos, necessidades do bairro, habitantes, venda de casas, casas pobres
1950-1960	Criminalidade, nomes de locais, venda de casas, obras prefeitura, avisos
1960-1970	Criminalidade, problemas hídricos, desmoronamento de terra, obras de revitalização e infraestrutura
1970-1980	Criminalidade, obras infraestrutura, festejos do bairro, violência, busca por moradia, abastecimento d'água
1980-1990	Patrimônio histórico (teatro chaminé), limpeza lixo, festejos, problemas de desabamento de terra, Manaus moderna, saneamento básico, poluição
1990-2000	Drenagem da bacia, criminalidade, aluguéis e venda de casas, habitação, regularização de empresas, cidade flutuante, navegação, urbanização,
2000-2007	Problemas sociais e ambientais, poluição de nascentes, recuperação de igarapés, prosamim

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1970	20573	Recuperação do bairro
1975	21889	Ribeirinhos procuram moradia
1971	20814	Água nas casas
1985	33734	Processo de ocupação do solo urbano de Manaus
1990	35111	Manaus moderna obras
1986	33838	Fotografando Manaus
1986	33911	Esgoto não atinge 95% de Manaus
1987	34151	Manaus resgata o rio Negro
1991	35448	Drenagem São Raimundo e Educandos
2004	39154	Recuperação igarapés
2004	39089	Prosamim
2004	39086	Prosamim

Ribeirinhos chegando à cidade fugindo da cheia

Nada menos do que 102 pessoas desembarcaram ontem na Escadaria dos Remédios vindas de todas as localidades do interior onde as águas continuam destruindo tudo evidenciando ainda a ampliação do êxodo rural tão combatido pelas autoridades governamentais.

A maioria das famílias procedem de Autazes, Mirim, Careiro, Urucurituba, Anori e outros lugares onde as águas invadiram expulsando os moradores para a capital, em busca de abrigo.

QUEREM TERRAS

A ampliação do problema social em nossa cidade, com a chegada dos flagelados é evidente. Grande parte não têm onde morar e espalham-se pela Compensa, Coroados, Vila da Prata, Santo Antonio, Educandos, São Raimundo, etc

Imagem 19: Recorte de jornal sobre mudança de ribeirinhos para a cidade, ocupando bairros que já eram populares. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 21889, 1975)

Obras do Manaus Moderna não páram

IGARAPÉS

'Além disso — destaca o subsecretário — vai ser feito o saneamento dos igarapés de Manaus, Bittencourt, Mestre Chico, Japiim e Cachoeirinha, que terão implantados seus respectivos canais'. No Igarapé de Manaus, já em fase de conclusão, a canalização se estende da rua Ipixuna até a bacia de Educandos numa extensão de 840 metros. 'já que trata-se de um canal aberto, de seção retangular, em concreto armado e, a exemplo dos demais, se transforma em galeria fechada para passar sob a avenida Beira-Rio', observa Homero Oliveira. Como o fundo projetado

Imagem 20: Recorte de jornal sobre obras da Manaus Moderna e intervenção na bacia do Educandos. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 35111, 1990)

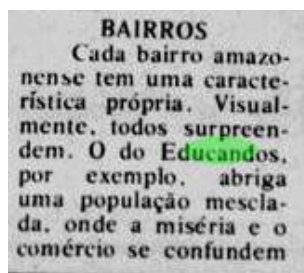


Imagem 21: Recorte de jornal sobre o bairro Educandos. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 33838, 1986)

Esgoto não atinge 95% da população de Manaus

Pertoti disse que o projeto de expansão da rede de esgotos da cidade está na fase de execução. Ele explicou que estão sendo implantados vários canais de escoamento no bairro de Educandos. Acrescentou, ainda, que algumas estações de tratamento de esgotos já foram projetadas, precisando apenas serem implantados, o que acontecerá brevemente.

Imagem 22: Recorte de jornal sobre a situação do esgoto em Manaus, citando obras de saneamento. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 33911, 1986)

O bairro de Educandos é muito associado à violência, criminalidade, sujeira e pobreza no Jornal do Commercio. Não só isso, se relaciona diretamente com a Cidade Flutuante, e em muitas reportagens os dois termos aparecem juntos. O projeto Manaus Moderna, o Prosamim e diversas obras feitas no lugar demonstram, pela descrição feita nas matérias, o caráter higienista e de limpeza desejado tanto pelo poder público quanto pelas elites locais, onde o Educandos era um dos grandes focos desse ideal. Ao mesmo tempo, pela cronologia das edições, é possível observar uma manutenção da pobreza e da precariedade no Educandos, e mesmo que o próprio jornal ressalte muito as iniciativas estatais em relação ao lugar, uma notícia de 1986 mostra que 95% da população não tem acesso ao esgoto em Manaus, inclusive os moradores de Educandos.

Favela

Tabela 5: Reportagens levantadas sobre o termo Favela

ANO	EDIÇÃO	TÍTULO DA REPORTAGEM	ASSUNTO
1948	14885	Auxílio às vítimas de um incêndio	incêndio da favela do Cais do Porto
1958	16719	Presos quando soltavam bombas no Igarapé do Franco, ontem	Homens presos por atirar bombas no Igarapé do Franco
1958	16792	CRESCIMENTO, Ramayana de Chavelier	Relato sobre visita ao Bairro Educandos
1959	16989B	CASA PRÓPRIA, Alvaro Maia	Questão de programa habitacional, moradia popular e as favelas e flutuantes
1964	18560	MAIS UMA FAVELA	Fala sobre a cidade flutuante e o surgimento de outra favela próx. à fábrica Brasiljuta
1964	18562	REPERCUSSÃO DE UMA CIDADE, Raimundo Rodrigues	Cidade flutuante, seu surgimento, problemas de higiene etc.
1965	18587	Planos para 65 (quarta coluna, da esq. - dir.)	Plano de pôr fim a cidade fluvial e criar espaços agrícolas para contemplar moradores
1966	18931	LEOPOLDO REBATE	Fala sobre a extinção da cidade flutuante
1968	19719	COHAB-Am agiganta solução habitacional	Fala sobre o programa habitacional para solução das favelas etc
1969	20054	FAVELAS E FLUTUANTES, Álvaro Maia	Reflete sobre para onde foram os moradores dos flutuantes
1970	20456	FAVELA DA COMPENSA Um caso necessitado de providências	Fala do caso da favela da compensa no bairro São Jorge
1971	20667	BARRANCO DESABA COM AS CHUVAS LEVANDO CASA HUMILDE DE ROLDÃO	No bairro de São Raimundos desaba casa de palhiça no barranco
1971	20718	JARDIM BOTÂNICO: TODOS SÃO COMPADRE E COMADRE	Fala sobre o bairro Jardim Botânico onde quase 10 mil habitantes eram da Cidade Flutuante
1971	20731	NOVO BAIRRO AMEAÇANDO POLUIR A ÁGUA DA CIDADE	Fala do bairro Jardim Botânico que é perto da nova tomada d'agua da cidade
1972	21145	UMA FAVELA NO CENTRO QUE SÓ VIVE DE SONHOS	Favela do Bittencourt é uma das que receberam removidos dos flutuantes
1973	21390	VAI DESAPARECER A FAVELA BEIRA-MAR	Favela da Av. Beira Mar desapareceria com projeto de auto pista que liga Porto de Manaus ao Educandos
1973	21431	HABITAÇÃO	Fala sobre transferir famílias que moram em verdadeiras palafitas para conj. habit. da COHAB
1974	21526	PREFEITO MANDA RETIRAR OS FAVELADOS DA PONTE	Fala do problema das favelas em Manaus e da retirada de favelados da ponte que a prefeitura estava construindo que ligava Educandos ao centro de Manaus

1974	21501	CASAS DO D PEDRO I ESTÃO PREOCUPANDO	Três mil habitantes do conjunto habitacional D Pedro I estão correndo o risco de verem desabar a maioria das casas
1975	21834	VELOSO LIBERA CR\$22 MILHÕES PARA MANAUS	Ministro do Planejamento libera verba para urbanização de Manaus. "Manaus não será uma favela"
1975	21860	PREFEITURA URBANIZARÁ 28 BAIRROS E 571 RUAS	PLANAM - Plano de Desenvolvimento para Manaus
1975	21881	O PREÇO DO PROGRESSO	envolvimento de Manaus, planos urbanísticos, a favela da Compensa
1975	21883	RIBEIRINHOS ESPERAM MILAGRE DE SÃO JOÃO	Situação das cheias do rio e implicações nos bairros, comentários sobre São Raimundo e Educandos
1975	21892	DE FRENTE DE PERFIL: NOVAS FAVELAS	mílias sem casa e sem assistência favelas com surgindo próximo do Estádio Vivaldo Lima
1975	21900	PLANO PARA ASSISTIR AOS FLAGELADOS DA ENCHENTE	Plano assistencial às vítimas de enchentes, interessante pois um dos objetivos é levá-los de volta ao lugar de origem
1975	21903A	VIVALDOLANDIA SÓ TEM 6 FAMÍLIAS FLAGELADAS	Fala sobre a fundação da favela Vivaldolandia
1975	21904	CINCO ASSISTEM VÍTIMAS DA ENCHENTE EM MANAUS	Locais que estão assistindo as vítimas da enchente em Manaus
1975	21935	RANGEL: ZFM IRREVERSÍVEL E RECURSO PARA ACABAR FAVELA	Ministro do Interior fala Projeto Rondon e Zona Franca de Manaus
1975	22004	COROADO VAI SER URBANIZADO	Fala de como vai ser o processo de urbanização do bairro
1975	22013	COROADO VAI TER SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Abastecimento de água em Coroado junto ao plano de urbanização
1976	22189	CONJUNTO AJURICABA JÁ FAZ PEDIDO DE SOCORRO: VINÍCIUS	Favela que surge nos arredores do conjunto chamada Saramandaia
1976	22247	DEBATES CIRRADOS NA ALE PELA COMPENSA II	Sobre a favela da Compensa II
1976	22249	SURGIRÁ UMA CIDADE PARA 80 MIL PESSOAS	Fala dos projetos de conjuntos habitacionais e urbanização
1976	22350	BNH APROVA 1 BILHÃO E 100 MILHÕES PARA NOVA CIDADE	Cidade Nova que se localizará a nordeste de Manaus
1977	22409	ÊXODO RURAL - RIBEIRINHO DEUS LHE PAGUE	Fala sobre as cheias que poderão fazer os ribeirinhos irem morar na cidade grande e para Manaus isso poderá significar mais favelas
1977	22415	UM NOVO BAIRRO SURGE JÁ BATIZADO: PETROPOLÂNDIA	Mais um exemplo de bairro que nasce como uma favela
1977	22569A	PROBLEMA DE GRILAGEM CRESCENDO: MANAUS	Fala da favela Planeta dos Macacos que fica próxima do Conjunto Ajuricaba e do Bairro

			Alvorada III
1977	22581A	O DESAFIO DA ESCADARIA DOS REMÉDIOS	Está se formando mais uma favela no local, podendo se tornar 'nova' Cidade Flutuante
1978	22488B	TRINTA E CINCO BARRACOS DERRUBADOS NO ALVORADA I	Barracos derrubados aparentemente com apoio legal. Terreno era de empresa.
1978	22493B	PISTOLEIROS INCENDIARIOS QUEIMAM BARRACOS NA FAVELA DO AERO CLUBE	Favela que se formava teve seus barracos queimados. Próximo ao aero clube de Manaus
1979	22626	PERIGO DE ENCHENTE COMEÇA A PROVOCAR ÊXODO DE RIBEIRINHOS E FAVELAS NA ZFM	Idem ao título da matéria
1979	22781A	OPERAÇÃO LIMPEZA DA PREFEITURA ACABA COM SUJEIRA NA Z. FRANCA	Fala da limpeza na ZFM e fala da limpeza da Escadaria dos Remédios para que ela não vire uma nova flutuante
1979	22783B	ESCADARIA DOS REMÉDIOS	Operação de saneamento no local
1980	22986	TRABALHADOR FAZ CARTA ABERTA DO GOVERNADOR LINDOSO	Trabalhador reclama da situação da favela da Escadaria dos Remédios
1980	23159	FLUTUANTES SAEM E REMÉDIOS SERÁ UMA HIDROVIÁRIA	Idem ao título da matéria
1980	23176	DAMIÃO PEDE À PREFEITURA QUE IMPEÇA APARECIMENTO DE FAVELA	Deputado pede a prefeitura ação para impedir favela entre os conjuntos Vieiralves e Manauense
1984	33314	FAVELADOS PEDEM LUZ E ÁGUA A PMM	Moradores da favela do quarenta pedem melhores condições de vida
1985	33523	PROMORAR VAI SER INAUGURADO AMANHÃ	Conjunto do Promorar inaugurado em Coroado
1986	33805	TERRENO DAS INVASÕES ESTÃOS SENDO VENDIDOS	Favela do igarapé do 40
1986	33858	COMPENSA QUER VIDA DIGNA	Fala das necessidades básicas e condição de vida na favela
1986	34066	A MEMÓRIA ORFÃ	Fala sobre a situação de Manaus. Cita Igarapé e favela.
1988	34574	MANAUS ESTÁ MUDANDO NA PERIFERIA	Fala de obras de urbanização nas favelas.
1988	34576	MANAUS TRANSFORMANDO EM RITMO VELOZ	Fala de novo sobre obras de urbanização em diversos bairros. Fala de São Raimundo.
1990	35122	RECUPERAÇÃO PARCIAL DOS IGARAPÉS	Fala de obras para recuperação parcial de alguns igarapés de Manaus.
1991	35578	MINISTÉRIO PÚBLICO INSISTE NA DESAPROPRIAÇÃO	Questão da favela Meu bem meu mal, na área do Beira-rio e que acaba poluindo Rio Negro
1991	35619	INICIA HOJE A REMOÇÃO NA FAVELA MEU BEM MEU MAL	Fala de aterro do rio, e também da obra pra retirar as famílias da favela.
1991	35620A	MEU BEM MEU MAL: BARRACOS SAEM	Fala mais da remoção

		DE CENA	
1993	36007	CASAS NO JORGE TEIXEIRA COMEÇAM A SER ENTREGUES	Casas para ex-moradores da favela Meu bem meu mal
1993	36046	FAVELA FLUTUANTE É NOVA AMEAÇA	Novos flutuantes aparecem na enseada do bairro Educandos
1993	36077	VAZANTE	as com a vazante visto as moradias precárias. ribeirinho
1993	36175	ACORDO GARANTE REMOÇÃO DE MORADORES	da favela Meu bem meu mal que fica perto da água de Manaus
1993	36227	FAMÍLIAS SERÃO RETIRADAS DA ORLA FLUVIAL	uante perto da Orla Fluvial, nos arredores do F
1996	36845	FAMÍLIAS SAEM DAS ÁREAS DE RISCO	Situação da favela do igarapé do 40
1996	36910	URBANIZAÇÃO DE BECOS MELHORA ACESSO ÀS FAVELAS E IGARAPÉS	Idem ao título da matéria
1999	37930	MANAUS SEM IGARAPÉS E SEM FLORESTAS	Fala do processo expansão urbana de Manaus, das favelas, etc.
2000	38117	AÇÕES DO HOMEM NO QUARENTA	Como ações simples podem melhorar quem mora em Igarapés e o caso do igarapé do quarenta
2001	38361	TÉCNICOS DISCUTEM MANAUS METRÓPOLE - PROJETOS DE SUCESSO	Projeto Favela Bairro
2005	39268	HOJE DIZEM QUE A ROCINHA É A MAIOR FAVELA DO BRASIL. NÃO, NÃO É. MANAUS É QUE É A MAIOR FAVELA DE TODO O PAÍS.	Visão sobre Manaus pelo escritor Márcio Souza
2005	39281	MODELO CAUSOU PROBLEMAS, DIZ ESCRITOR	Crítica ao modelo da ZFM e às favelas pelo escritor Márcio Souza

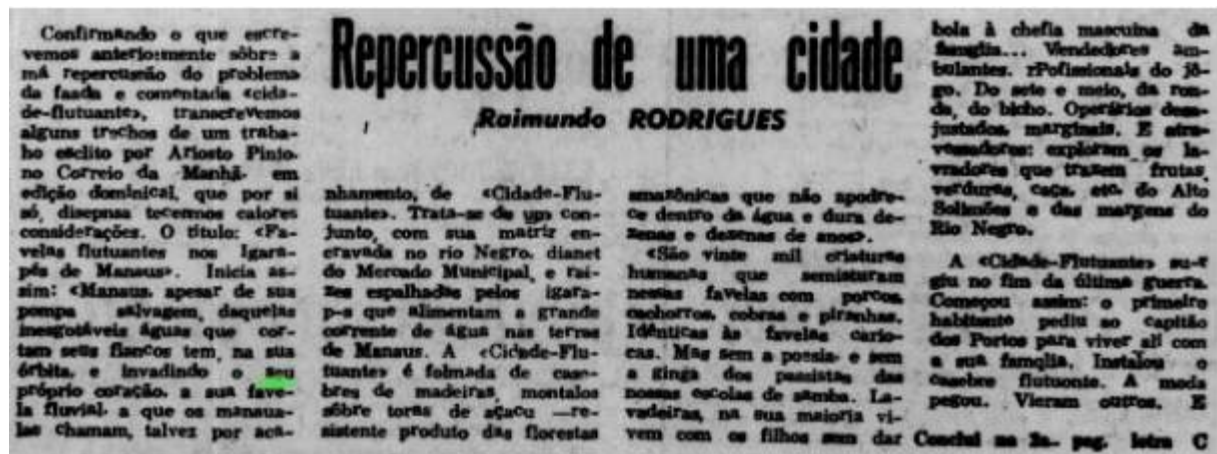


Imagem 23: Recorte de jornal sobre a Cidade Flutuante. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 18562, 1964)

FAVELAS E FLUTUANTES

ALVARO MAIA

Da (Academia Amazonense de Letras)

Nesse particular, um dos bairros conhecidos por viajantes e turistas foi a "Cidade Flutuante", em Manaus, que, diferente dos outros, apresentava condições econômicas. Um jurista, o professor Davi Melo, estudou-o juridicamente, atendendo, por certo, ao apêlo dos moradores. Era uma das curiosidades folclóricas da capital brasileira, como o encontro das águas Rio Negro — Solimões — Amazonas. Estudou-a também o economista Almir Diniz, assegurando que as embarcações de pequeno porte davam um movimento à cidade 200 vezes maior que o ROADWAY da Manaus Harbour aproximadamente, contribuindo para mercados e feiras todos os legumes, verduras, produtos agrícolas, procedentes do interior do Estado.

Desapareceu a «Cidade Flutuante» em poucos dias, sob a ação das autoridades, porque usurpava áreas do cais e prejudicava as casas comerciais do litoral. Tinha movimento próprio, — restaurantes, médico, dentista, escolas, pequenas lojas, buates. Atendia, de preferência,

Imagem 24: Recorte de jornal sobre a Cidade Flutuante. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 20054, 1969)

O DESAFIO DA ESCADARIA DOS REMEDIOS



A chamada "escadaria dos Remédios" conhecida também como o "Porto dos Motores" vem se constituindo num grave problema social na cidade a espera da ação das autoridades competentes. Além de um grande lixeiro que está se formando no local, a "escadaria dos Remédios" (foto) vem se constituindo num antro de marginais, proporcionando com isso a

num antro de marginais, proporcionando com isso a cles de perigosas criminosas oil procuram fugir às gutoridades. Como se isso não bastasse, está se formando no local mais uma favela em Manaus, o que poderá se constituir no início de uma nova "cidade flutuante" que com muito sacrifício o Governo conseguiu extinguir a cerca de 10 anos. PÁGINA 3

Imagem 25: Recorte de jornal sobre a Escadaria dos Remédios e sua favela. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 22581a, 1977)

Alagados, geral. Favelas da ZFM

Enquanto 'corre' atrás de verbas junto à Suframa e empresários do Distrito Industrial para viabilizar o projeto de saneamento dos igarapés existentes na cidade, hoje ocupados por milhares de 'alagados' vivendo em condições sub-humanas, o prefeito Artur Virgílio Neto anuncia a recuperação parcial de alguns igarapés, visando amenizar o sofrimento dos moradores dessas áreas.

A elaboração do projeto será levado a estudos do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que mantém programas de assistência aos países do tercei-

ro mundo.

Para o prefeito, a recuperação das áreas alagadas da cidade passa por uma série de medidas que independentes da ação única da administração municipal. É preciso que os empresários conscientizem-se da necessi-

dade de tratar Manaus com o respeito devido, dispara Artur Neto, assegurando que 'os donos das empresas situadas no Distrito Industrial, precisam pagar a dívida social que provocaram', aludindo a proliferação das favelas na cidade, oriundas do aparecimento da Zona Franca de Manaus.

Imagem 26: Recorte de jornal sobre as favelas da Zona Franca de Manaus, questão dos alagamentos, saneamentos dos igarapés, etc. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 35122, 1990)

Favela flutuante é nova ameaça

Francisco Pacifico

Quase trinta anos depois de exorcizado pelo então governador Artur Reis, um velho fantasma está de volta para perturbar a vida dos moradores do centro da cidade e do bairro de Educandos. Montrengos de madeira, cobertos de zinco ou palha, ameaçam promover uma reedição da "Cidade Flutuante", exatamente quando a Prefeitura de Manaus começa a executar um programa de obras com o objetivo de preparar a capital amazônica para a chegada do século 21. O alerta sobre o problema já vem sendo feito há algum tempo, mas as autoridades parecem não acreditar no perigo representando por um conjunto de sub-moradias que está transformando a enseada de Educandos num enorme esgoto coletivo a céu aberto.

dava para experimentar novamente. Pelo menos sei que ganharia muito dinheiro com a minha castração", observa.

Ameaça

Saudosismo de lado, o reaparecimento das casas flutuantes é uma verdadeira ameaça à população de Manaus. Neste período de cheia, o rio Negro represa os igarapés que funcionam como esgotos, empurrando de volta toda a sujeira que normalmente suas águas carregam para longe da cidade. No caso da enseada de Educandos, as obras de aterro e terraplanagem, agora abandonadas, do

projeto Manaus Moderna também funcionam como represas e acabam transformando toda a área em um grande lago de águas poluídas.

Sanitaristas garantem que o surgimento da favela flutuante representa um enorme perigo. As águas represadas pela cheia do rio Negro, recebendo dejetos, restos de comida e toda espécie de sujeira podem provocar o aparecimento de surtos de malária, leptospirose e, principalmente do temido vibrião do cólera. "Nem sei como até agora não tivemos problemas mais graves aqui nesta área, mas tenho certeza de que se essa

população favelada continuar aumentando na proporção que estamos observando enfrentaremos muito em breve tremendas dificuldades", alerta um agente de saúde.

Acostumados a usar a enseada como ancondouro e a improvisar estaleiros nas margens dos igarapés, proprietários de embarcações também começam a reclamar diante dos problemas causados pelo surgimento das casas flutuantes. Como eles, os moradores de Educandos já cobram providências das autoridades, procurando evitar que a situação alcance proporções

mais graves. Presidente do Conselho Comunitário do bairro, a professora Teresa Tupinambá já procurou a Sedema e a Capitania dos Portos para denunciar a proliferação dos flutuantes mas não mereceu muita atenção. Agora, ela pretende também pedir ajuda à Secretaria de Segurança e ao comando da Polícia Militar, pois o índice de furtos e assaltos na área começa a preocupar. Segundo Teresa, a favela que balança sobre as águas do rio Negro serve de abrigo para muitos marginais, os chamados "ratos d'água", ou "barrigas d'água" antigamente tão conhecidos dos policiais manauaras.

Imagem 27: Recorte de jornal sobre nova Cidade Flutuante na enseada de Educandos. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 36046, 1993)



Imagem 28: Recorte de jornal sobre moradores da Cidade Flutuante de Educandos, localizada na orla fluvial. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 36227, 1993)

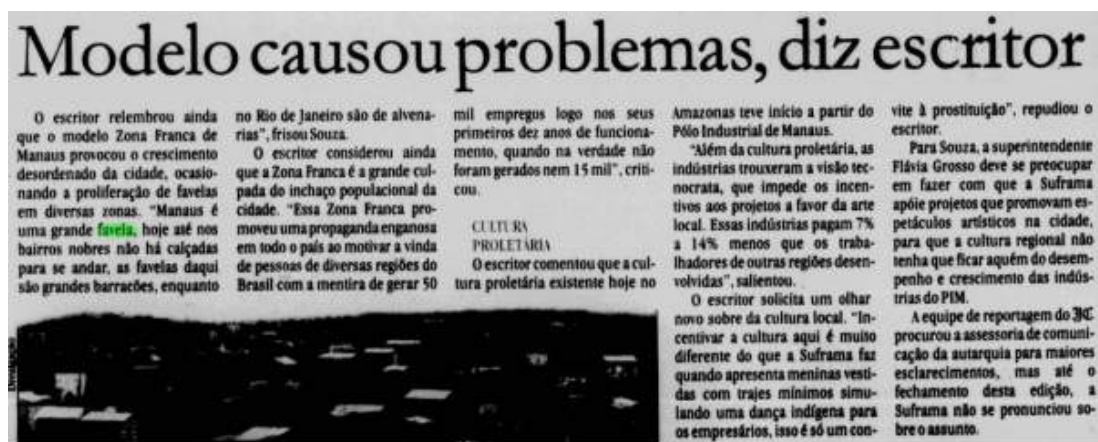


Imagem 29: Recorte de jornal onde escritor fala da Zona Franca de Manaus e favelas. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 39281, 2005)



Imagem 30: Recorte de jornal onde escritor fala de Manaus: a maior favela de todo o país. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 39268, 2005)

Sem dúvidas, a pesquisa do termo Favela foi a que mais apresentou dados relevantes sobre a precariedade em Manaus. Essa palavra no acervo está muito vinculada aos

assentamentos precários urbanos secos da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, na maioria das vezes associados à tragédias, violência, criminalidade, e quando “de forma positiva”, à planos de governo para melhora das áreas favelizadas. Em Manaus, trata-se da mesma coisa, e há uma marginalização da pobreza, e também sua criminalização no espaço. Ao mesmo tempo, a favela se torna recorrente na escrita do jornal apenas a partir dos anos 50, onde a industrialização e a criação da Zona Franca de Manaus, com o intuito de impulsionar economicamente a área se tornaram latentes. Novamente, a Cidade Flutuante muito se associa à favela, sendo chamada como tal em muitos momentos do jornal. Das favelas em Manaus - mesmo com a existência delas em solo seco também - destacam-se as de tipo palafítico e flutuante, associadas ao rio e aos igarapés, e no jornal as matérias tratam principalmente das ações de remoção e limpeza das áreas que possuem esse perfil de moradia.

Igarapé

Tabela 6: Reportagens levantadas sobre o termo Igarapé

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	Aluguel de quartos, venda de terrenos, crimes, anúncios
1910-1920	Aluguel e venda de imóveis e terrenos. São Raymundo e Educandos apareceram. Crimes. Anúncios
1920-1930	Crimes nos Igarapés. Muitas citações sobre Educandos e São Raymundo. Anúncios
1930-1940	Crimes nos Igarapés. Citação de Educandos e Constantinópolis. Anúncios
1940-1950	Venda e aluguel de imóveis e terrenos. Fala-se as águas dos igarapés. Cita-se flutuante junto à igarapé em Educandos. Crimes nos igarapés
1950-1960	Venda e aluguel de imóveis e terrenos. Fala-se de acidente em São Raimundo. Lixo no igarapé. Anúncios.
1960-1970	Venda e aluguel de imóveis e terrenos. Anúncios. Crimes.
1970-1980	Reportagens mais longas. Obras de infraestrutura e saneamento (urbanização). Cheias e enchentes. São Raimundo várias vezes citado
1980-1990	Reportagens longas. Lixo. Poluição. Revitalização. Obras de infraestrutura. Crimes. Igarapé do 40. Educandos. São Raimundo. Falta de moradia. Precariedade. Problemas com a chuva. Inundações e enchentes. Invasão de terras.
1990-2000	Crime. Anúncios. Lixo. Obras de infraestrutura. Igarapé do 40. Loteamentos. Drenagem de igarapés. Problemas ambientais. Humanização dos Igarapés
2000-2007	Limpeza. Saneamento. Anúncios. Prosamim.

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1999	37867	SOS Igarapés
2004	39130	Prosamim

A análise das ocorrências de Igarapé no Jornal do Commercio não apresentaram matérias muito relevantes a ponto de terem recortes nessa pesquisa. Entretanto, é importante ressaltar os assunto que eram vinculados à essa palavra no jornal, e que representam muito do projeto das elites e do governo para lidar com o problema da precariedade em assentamentos úmidos. A questão da pobreza, do lixo e da sujeira, de crimes próximos aos igarapés ou nas

próprias favelas localizadas neles são assuntos recorrentes. A partir dos anos 70, mas principalmente dos anos 80, é possível verificar que a associação dos igarapés à obras de revitalização, saneamento, infraestrutura é muito relevada, manifestada principalmente pelo projeto SOS Igarapés, Manaus Moderna e também Prosamim.

Manaus Moderna

Tabela 7: Reportagens levantadas sobre o projeto Manaus Moderna

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1985	33720	Governo define o orçamento para 1986
1985	33773	Projeto prevê saneamento dos 4 igarapés
1985	33774	Manaus começa a melhorar com 47 milhões de dólares
1985	33775	Manaus Moderna começa com os dólares dos EUA
1986	33800	Reorganização do Porto com a Manaus Moderna
1986	33999	História nas Ruas
1986	34008	Populares querem conhecer o projeto
1986	34026	“Manaus Moderna” Esse projeto sai?
1986	34038	Imposições: A velha prática
1986	34047	Projeto fecha igarapés
1986	34086	Igarapés serão fechados
1986	34131	Manaus (fedida) Moderna
1987	34237	Moradora só espera ser desapropriada
1987	34258	Suframa Desaloja Invasores (remoção)
1987	34262	Suframa dá prazo para famílias do Igarapé
1987	34271	Pintando Favelas Equilibristas
1987	34286	Projeto inquieta feirantes
1987	34298	Manaus moderna e cínica
1987	34355	Projeto custa 100 milhões
1987	34424	Palafitas mostram submundo da cidade
1988	34492	Águas das chuvas alagam área do igarapé do 40
1988	34521	Inundações são ameaças aos favelados
1988	34523	Móveis são levados durante correnteza
1988	34524	Prefeitura aponta as causas e as soluções
1990	35088	Famílias desalojadas esperam realocação
1990	35111	Manaus Moderna entra em fase de conclusão

Projeto "fecha" igarapés

Pelo menos três dos principais igarapés da cidade serão transformados em rede de esgoto natural, dentro do projeto "Manaus Moderna", que, a partir do final deste mês iniciará o aterro das partes laterais e a construção de um canal central. As desapropriações, de acordo com as plantas do projeto, serão desnecessárias.

O Sonho de ver Manaus transformada em uma "Veneza brasileira" ou recortada por igarapés limpos e com águas claras está definitivamente sepultado. As obras de saneamento dos igarapés do centro da cidade devem começar até o final deste mês dentro do projeto "Manaus Moderna", com o aterro das partes laterais e a construção de um canal que, em princípio, ficará aberto, podendo vir a ser fechado posteriormente, mas que servirá como rede de esgoto natural.

Imagem 31: Recorte de jornal sobre o projeto Manaus Moderna, onde igarapés foram fechados. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34047, 1986)

Igarapés serão fechados

Com o início da construção da grande pista "Beira Rio", do projeto Manaus Moderna, começa também o fechamento dos igarapés de Manaus, Bitencourt e Educandos que vão ser uma espécie de grandes esgotos saneados para as populações ribeirinhas.

O Sonho de ver Manaus transformada em uma "Veneza brasileira" ou recortada por igarapés limpos e com águas claras está definitivamente sepultado. As obras de saneamento dos igarapés do centro da cidade devem começar até o final deste mês dentro do projeto "Manaus Moderna", com o aterro das partes laterais e a construção de um canal que, em princípio, ficará aberto, podendo vir a ser fechado posteriormente, mas que servirá como rede de esgoto natural.

Imagem 32: Recorte de jornal sobre o projeto Manaus Moderna, onde igarapés foram fechados. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34086, 1986)

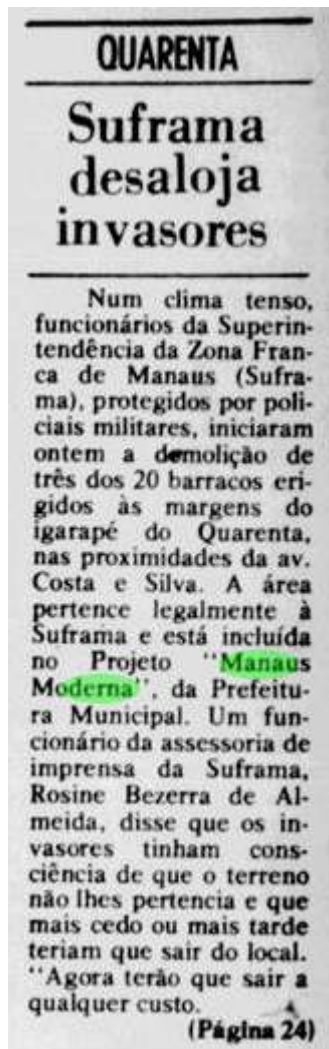


Imagem 33: Recorte de jornal sobre o igarapé do Quarenta, onde barracos foram desmontados. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34258, 1987)

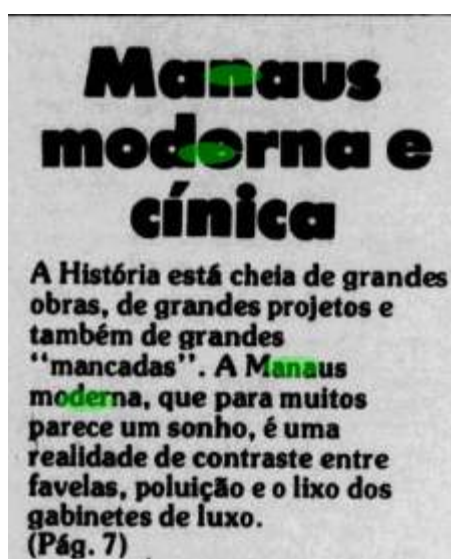


Imagem 34: Recorte de jornal sobre o projeto Manaus Moderna. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34298, 1987)

O projeto Manaus Moderna foi uma importante ação estatal para modernização da cidade, e que incidiu nos assentamentos úmidos de forma violenta, removendo a população dos locais em que morava. Pesquisando o termo no Jornal do Commercio, foi possível perceber uma das narrativas locais em relação ao projeto. Em duas manchetes acima lê-se sobre o “fechamento” dos igarapés, que seriam limpos, e onde, conseqüentemente, haveria mudanças negativas para a população local, que seria desalojada. Em outra, fala-se do desalojamento dos “invasores” que são os moradores das palafitas do igarapé do 40. Fica clara nessa leitura o viés modernizador dado ao programa, de varredura da pobreza da cidade.

Palafitas

Tabela 8: Reportagens levantadas sobre o termo Palafitas

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1966	19083	Casa Cohab é solução para palafita
1971	20816	“Mestre Chico” é atentado à saúde
1979	22763	Governo quer acabar com as favelas
1979	22771	PROMORAR vai começar também no Norte
1980	23156	Comerciantes da “beira da praia” reivindicam área mais comerciável
1981	32530	Palafitas continuam desafiando Igarapés
1987	34424	Palafitas mostram o submundo da cidade
1996	36077	Vazante: Enchendo os olhos de poluição visual
1999	37930	Manaus: Sem igarapés e sem Floresta

Palafitas continuam desafiando igarapés

Cresce a cada dia, assustadoramente, o contingente nas margens dos igarapés que retalham a cidade de Manaus, num desafio ao poder administrativo do Estado. Nem mesmo com a criação de programas específicos, como o PRO-MORAF, do BNH, o problema tende a frear, com o grande número de famílias vindas do interior para a capital em busca de dias melhores - naturalmente por falta de incentivos para permanecerem produzindo no campo.

É na tentativa de mostrar ao público e às autoridades constituídas do Estado, que o JORNAL DO COMERCIO desenvolveu, nesta semana, um trabalho jornalístico junto a população residente na beira dos igarapés, em condições sub-humanas. A começar pela poluição com a vinda dos igarapés de nossa capital, a situação fica ainda mais crítica, com a falta de tratamento humano que não dispõe essa população de parte dos setores competentes do poder público.

— Tem a impressão que não nem existimos para o Estado, co-

mentia inicialmente, a doméstica Roselide Ribeiro, residente numa palafita às margens do conhecido Igarapé de Manaus, a poucos metros do Palácio Rio Negro, o Palácio do Governo. Roselide como a maioria de seus vizinhos veio do interior do Estado. — Morávamos antes na cidade de Uruçará. Meu marido, o Hermes, colocou na cabeça que aquela vida de pescaria não dava mais certo. Certo dia, pegando uma carona do barco pesqueiro da região ele veio para Manaus.

— Roselide faz uma pausa. Pede forquilha e apanha pelos braços o garoto Marquinho, de 7 anos e 6 meses, que está chorando.

— Tá vendo? O pobre do Marquinho está com fome. Tá na hora de fazer a comida dele, mas o Hermes até agora ainda não chegou.

Ela faz novamente outra pausa e retoma o diálogo com o repórter: — Assim como eu já dizendo, quando o Hermes voltou para casa já chegou com essa ideia de vir para Manaus. Não dormiu muito, ele vendeu o terreno e a nossa casa, nosso único bem. Aqui chegamos. Todos nós

fância que os programas de moradia própria se encontram da população de baixa renda.

— Estou aqui não por vontade. Mas por necessidade. Na minha

ficais mais preferidos por essa população, entretanto, nem sempre são bem atendidos quando procuram a Prefeitura em busca desse benefício.



A água, muita das vezes, é tirada de cacimbas.



Imagem 35: Recorte de jornal sobre palafitas nos igarapés de Manaus. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 32530, 1981)

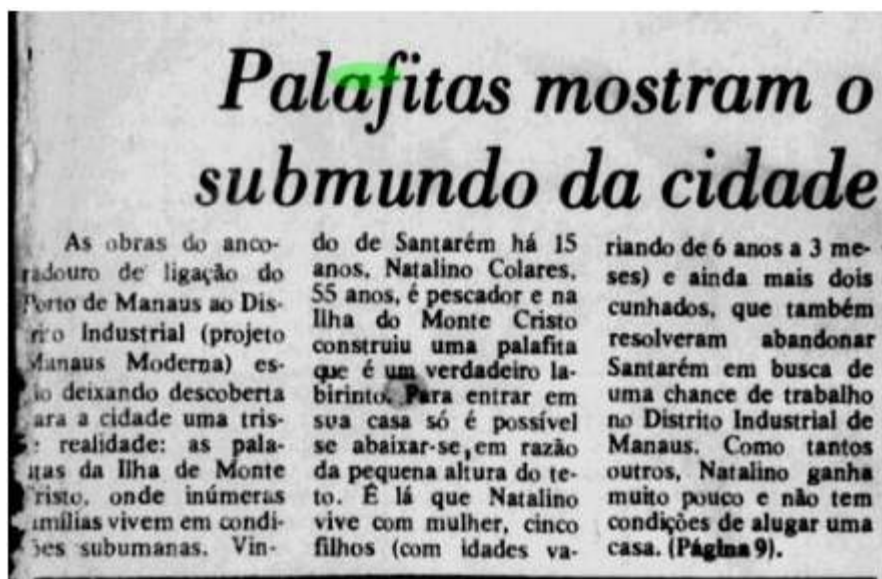


Imagem 36: Recorte de jornal sobre palafitas da Ilha de Monte Cristo. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34424, 1987)

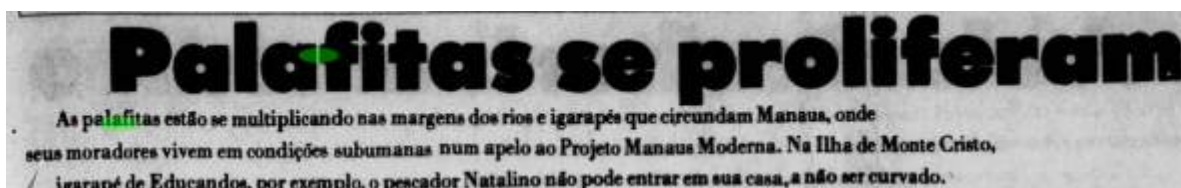


Imagem 37: Recorte de jornal sobre palafitas da Ilha de Monte Cristo. (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 34424, 1987)

As palafitas estão diretamente ligadas ao assunto da precariedade em Manaus. É a forma mais característica de moradia popular nessa região, inserida no modo de vida da população ribeirinha, onde a água ocupa papel determinante no cotidiano da população. O Jornal do Commercio coloca a questão das palafitas vinculadas à questão da pobreza e também de poluição dos igarapés. As “condições subumanas” dessas pessoas se apresentam como uma preocupação do jornal, mas que ao mesmo tempo os marginaliza, colocando-os em posição de moradores do submundo de Manaus.

Remoção

Tabela 9: Reportagens levantadas sobre o termo Remoção

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	Lixo. Cargos. Questões jurídicas.
1910-1920	Lixo
1920-1930	Lixo. Aleatoriedades.
1930-1940	Lixo
1940-1950	Lixo. Corpos. Aleatoriedades
1950-1960	Corpos. Doentes. Escombros. Aleatoriedades
1960-1970	Lixo. Corpos. Aleatoriedades
1970-1980	Relação com habitação. Favela. Corpos. Escombros. Infraestrutura
1980-1990	Lixo. Pessoas. Presos. Entulho
1990-2000	Anúncios. Escombros. Entulho nos Igarapés. Moradia. Famílias. Famílias no igarapé. Dejetos.
2000-2007	Favelas. Lixo. Famílias. Invasores.

O termo remoção se associou muito ao lixo, à remoção de corpos em acidentes, crimes, e afins, e menos à questão da moradia como se esperava. Tal fato, levou à não destacar reportagens que envolvem a palavra. Percebe-se que no Jornal do Commercio há muito mais matérias sobre políticas estatais de intervenção nos assentamentos precários e ao mesmo tempo falando da condição de vida nesses lugares, sendo muito poucas as informações sobre remoção de famílias de favelas e para onde elas foram, sendo necessário um processo de análise e cruzamento de dados para obter algum resultado.

Ribeirinho

Tabela 10: Reportagens levantadas sobre o termo Ribeirinho

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	
1910-1920	
1920-1930	
1930-1940	
1940-1950	
1950-1960	
1960-1970	
1970-1980	Uso maior do termo. Relação com igarapés, enchente, precariedade.
1980-1990	Problemas de vida que o ribeirinho enfrenta
1990-2000	Políticas para cuidado com o ribeirinho. Problemas enfrentados.
2000-2007	Valorização do ribeirinho

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1977	22409	Vida dos ribeirinhos



As águas dos rios estão subindo pouco a pouco, na catástrofe anual que afoga a Amazônia. O ribeirinho plantou o bem e poderá colher novamente tempestade. Não tarda, a fuga sistemática para a cidade será a única porta aberta encontrada. A cheia se voltar, vai encher a cidade de favelas. Vai encher Manaus de problemas sociais para o Governo resolver.

E a potencialidade das águas poderá causar mutações tanto naturais como sociais. O ribeirinho virá defrontar-se contra a cidade grande e passará de produtor para consumidor. Mais bocas à espera de alimentação. Mas, em contrapartida, produção de gêneros alimentícios no Estado enfrentará uma crise e as necessidades vai extrapolar.

A luta pela sobrevivência do cabôcio será palmilhada de obstáculos, discórdia e frustrações, na terra proibida. Ele se confinará no drama da construção civil: "subir a construção como se fosse máquina/ tijolo por tijolo/ num desenho lógico/ seus olhos embotados de cimento e lágrimas, como bem o diz Chico Buarque de Holanda.

Imagem 38: Recorte de jornal sobre a vida dos ribeirinhos. (Fonte: Jornal do Comercio do Amazonas, ed. 22409, 1977)

A população ribeirinha tem um modo de vida próprio que perpassa pela moradia feita de palafitas e flutuantes, que se adequam às mudanças naturais dos rios e igarapés. A pesquisa do termo no jornal apresentou poucos resultados, sendo curioso o fato de que o uso mais recorrente do termo só se dá a partir dos anos 70, relacionando-o diretamente com o perfil de um indivíduo pobre e em situação precária. No recorte destacado acima é possível verificar essa narrativa, e, ao mesmo tempo, na descrição sobre os assuntos relacionados ao termo por década, é notável uma crescente preocupação com as condições de vida dessa população, porém cabe ressaltar o fato de que não necessariamente tal preocupação gere uma solução adequada e ideal para a vida dessas pessoas.

São Raimundo

Tabela 11: Reportagens levantadas sobre o bairro São Raimundo

PERÍODO	ASSUNTO VINCULADO AO TERMO
1900-1910	São Raymundo
1910-1920	São Raymundo
1920-1930	São Raymundo. Criminalidade. Causos
1930-1940	Problema em construção. Anúncios
1940-1950	Festejos, anúncios, avisos, criminalidade
1950-1960	Causos, criminalidade, nomes de locais, endereços, anúncios
1960-1970	A partir daqui começam a ter mais reportagens sobre. Crescimento de habitantes, infraestrutura, SESI, famílias operárias, desabamento de casas, cidade flutuante, rodovias
1970-1980	Sistema de abastecimento de água, violência, criminalidade, falta de policiamento, problemas no transporte, obras de equipamentos
1980-1990	Problemas de saúde pela poluição das águas, criminalidade, violência, obras equipamentos, limpeza das ruas
1990-2000	Acúmulo de lixo, violência, obras de revitalização
2000-2007	Acúmulo de lixo

ANO	EDIÇÃO	ASSUNTO
1964	18526	Cidade Flutuante

Está sendo planejada a limpeza da área fluvial

Graças ao destemor e as providências que vem de ser adotadas pelas esferas oficiais, a construção de flutuantes ou outra qualquer moradia na zona fluvial que está nas cercanias de Manaus ficou terminantemente proibida.

Tal iniciativa partiu das providências adotadas pelo capitão dos Portos, Gilberto Ferraz da Silva, que determinou e logo entrou em execução, a destruição de varias novas construções que se iniciavam nos igarapés de São Raimundo e Educandos e também na "Cidade Flutuante".

Está assim, tomando corpo para um final que a todos vem beneficiar, no campo social e de saúde, a proliferação de flutuantes nas cercanias de Manaus, fazendo voltar a cidade a ter aquele aspecto decente e estetico que outrora era o seu tipo.

A medida, a mais salutar e juridica possível, escudou-se em Regulamentos da Marinha de Guerra, que determinam de ver estar desimpedidas todas as vias navegaveis, para que se ofereçam condições seguras à navegação.

E, como se vê, um fator decorrente de caracter tecnico-militar e que entre nós, só veio ter viabilidade executoria com o Governo do Dr. Arthur Reis, que contou, decididamente, com a cooperação do Capitão dos Portos do Amazonas.

Como se sabe, já estava, como está ainda, tornando-se difícil a navegação e manobras aos navios de grandes portes, naquela area, devido à invasão das casas flutuantes em direção ao meio do rio.

Esse e outros problemas que se juntam no momento, dão um aspecto deploravel àquele local, onde já conta com triste-historia, mesclada de crimes e devassidão, desde o contrabando até o roubo, homicidio e violencia carnal, como tem se registrado na sua cronica.

O Governo, no momento em que foi dado o primeiro passo pela Capitania dos Portos, está planejando para concluir a imensa tarefa de limpeza naquela área e distribuir seus moradores por varios setores da cidade, e no interior do município, cercando-os das assistencias que se fazem necessárias.

Em outro local desta edição estamos publicando uma "NOTA" a respeito do importante problema, distribuida, já imprensa, pelo capitão dos Portos.

Imagem 39: Recorte de jornal sobre a limpeza da área fluvial em São Raimundo, Educandos e Cidade Flutuante (Fonte: Jornal do Commercio do Amazonas, ed. 18526, 1964)

De acordo com as pesquisas sobre São Raimundo, muito se encontra em semelhança aos achados sobre Educandos, onde pobreza, precariedade, criminalidade e sujeira estão muito atrelados. É a partir dos anos 60 que o bairro ganha mais destaque no jornal, e também se relaciona com a questão da Cidade Flutuante, como visto no recorte de reportagem acima onde havia um plano concreto endossado pelo governo e desejado pelas elites locais em limpar a orla fluvial, o que não dizia respeito só ao lixo e à poluição, mas estava completamente alinhado com a remoção da população de moradias palafíticas e flutuantes.

4.2 Acervo online do IBGE de fotos da cidade de Manaus (1950-1970) e acervo online do IMS do fotógrafo Marcel Gautherot sobre Manaus (1955-1966)

A seleção de fotos a seguir diz respeito às fotografias escolhidas retratando o tema da precariedade habitacional em Manaus, a partir dos acervos online do IBGE de autoria de diversos fotógrafos do período e também do IMS, onde o acervo é exclusivo de fotografias de Marcel Gautherot. Foi feita pesquisa dentro desses acervos, buscando o termo Manaus, e foram selecionadas as fotografias relevantes para o objetivo da pesquisa. Todas se apresentam em preto e branco e datam o período das décadas de 50 à 70, momento em que os ideais de industrialização e essa associada à modernização estavam latentes no país, e onde os olhos do Estado começavam a virar para a região Norte buscando desenvolvê-la economicamente. As fotografias do IBGE são acompanhadas de tabela que será colocada no corpo do texto e apresentam data, autor, local e título, dados importantes para o possível cruzamento futuro de informações de acervos textuais e iconográficos na tentativa de ilustrar especialmente a precariedade de Manaus ao longo da história. Já as fotografias de Marcel Gautherot, pouco trabalhadas durante a pesquisa, apresentam-se ano e local específico, porém que trazem muitos dados visuais e espaciais sobre os padrões de vida da população pobre do período.

BIBLIOTECA DIGITAL DO IBGE

Tabela 12: Relação de fotos levantadas pela Biblioteca Digital do IBGE

ID	CÓDIGO	ANO	AUTOR	LOCAL	TÍTULO
7581	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Aspecto da cidade flutuante em Manaus (AM)
7586	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Aspecto da cidade flutuante em Manaus (AM)
7582	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Aspecto da cidade flutuante em Manaus (AM)
6829	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Constantinópolis, Manaus	Aspecto do bairro Constantinópolis alagado em Manaus (AM)
6830	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Constantinópolis, Manaus	Aspecto do bairro Constantinópolis alagado em Manaus (AM)
6831	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Constantinópolis, Manaus	Aspecto do bairro Constantinópolis alagado em Manaus (AM)
6832	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Constantinópolis, Manaus	Aspecto do bairro Constantinópolis alagado em Manaus (AM)
8146	130260	-	-	Porto, Manaus	Aspecto do porto de Manaus (AM)
8153	130260	-	-	Porto, Manaus	Aspecto do porto de Manaus (AM)
7546	130260	196-?	-	Porto, Manaus	Aspecto do porto de Manaus (AM)
6981	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Aspecto típico da margem do Rio Negro na altura de Educandos em Manaus (AM)
6982	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Aspecto típico da margem do Rio Negro na altura de Educandos em Manaus (AM)
6983	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Aspecto típico da margem do Rio Negro na altura de educandos em Manaus (AM)
6984	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando,	Educandos, Manaus	Aspecto típico da margem do Rio Negro na altura de Educandos em

			1917-2006		Manaus (AM)
7191	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	-	Bairro com casas de madeira em Manaus (AM)
7021	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	-	Bairro de Educandos em Manaus (AM)
7022	130260	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Bairro de Educandos em Manaus (AM)
7920	130260	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Educandos, Manaus	Bairro dos Educandos em Manaus (AM)
7921	130260	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Educandos, Manaus	Bairro dos Educandos em Manaus (AM)
7918	130260	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Educandos, Manaus	Bairro Educandos em Manaus (AM)
6932	1302603	1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Bairro Educandos vendo-se batelões à margem do Rio Negro em Manaus (AM)
7012	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	São José, Manaus	Bairro São José vendo-se casas pobres habitadas por antigos moradores das casas flutuantes em Manaus (AM)
7031	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	São Raimundo, Manaus	Bairro São Raimundo em Manaus (AM)
2	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	-	Barcos que atravessam igarapés em Manaus (AM)
7028	1302603	mar. 1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Casas de Madeira em Manaus (AM)
7301	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas de comércio flutuantes em Manaus (AM)
6989	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Casas de madeira no Bairro de Educandos à margem do Rio Negro em Manaus (AM)
7299	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas flutuantes ao fundo terra firme em Manaus (AM)
7300	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza;	Manaus	Casas flutuantes ao fundo terra

			Dias, Catharina Vergolino, 1928-		firme em Manaus (AM)
6715	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Casas flutuantes de modestos habitantes em Manaus (AM)
6	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	São Raimundo, Manaus	Casas flutuantes e pobres, estacas localizadas no bairro proletário Igarapé São Raimundo (AM)
7293	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas flutuantes em Manaus (AM)
7751	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas flutuantes em Manaus (AM)
7922	130260	fev.1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas flutuantes em Manaus (AM)
6862	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Rio Negro, Manaus	Casas flutuantes na margem do Rio Negro em Manaus (AM)
7	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Casas flutuantes no Igarapé (AM)
7548	-	196-?	-	Rio Amazonas, Manaus	Casas flutuantes à beira do Rio Amazonas (AM)
6675	1302603	déc. 50	Jablonsky, Tibor	Rio Negro, Manaus	Casas flutuantes à margem do Rio Negro em Manaus (AM)
6690	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Rio Negro, Manaus	Casas flutuantes à margem do Rio Negro em Manaus (AM)
6861	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Rio Negro, Manaus	Casas flutuantes à margem do Rio Negro em Manaus (AM)
6701	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Igarapé Cachoeirinha, Manaus	Casas inundadas em Igarapé Cachoeirinha, Manaus (AM)
6702	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Igarapé Cachoeirinha, Manaus	Casas inundadas em Igarapé Cachoeirinha, Manaus (AM)
6718	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	São Raimundo, Manaus	Casas submersas à enchente do Rio Negro no Bairro São Raimundo em Manaus (AM)
6717	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Igarapé Cachoeirinha, Manaus	Casas à margem do Igarapé Cachoeirinha em Manaus (AM)
7589	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante em Manaus (AM)

7590	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante em Manaus (AM)
7919	130260	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante em Manaus (AM)
7591	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante em Manaus (AM)
7596	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante vendo-se barracão comercial em Manaus (AM)
7592	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante vendo-se barracão de comestíveis em Manaus (AM)
7595	130260	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante vendo-se barracão distribuidor de gás engarrafado em Manaus (AM)
7587	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Cidade flutuante vendo-se estrutura de uma casa em Manaus (AM)
7752	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Detalhe da cidade flutuante em Manaus (AM)
7753	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Detalhe da cidade flutuante em Manaus (AM)
7756	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Detalhe da cidade flutuante em Manaus (AM)
7302	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Distribuidor de gasolina flutuante em Manaus (AM)
7303	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Distribuidor de gasolina flutuante em Manaus (AM)
6833	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Embarcação em frente as casas inundadas pela enchente em Manaus (AM)
6834	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Embarcação em frente as casas inundadas pela enchente em Manaus (AM)
6713	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Família de caboclos lavando roupa na enchente em Manaus (AM)
6837	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares,	Manaus	Família flagelada pela enchente

			Lúcio de Castro		vivendo a beira d'água em Manaus (AM)
6835	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Família flagelada pela enchente vivendo à beira d'água em Manaus (AM)
6836	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Família flagelada pela enchente vivendo à beira d'água em Manaus (AM)
6712	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Manaus	Famílias de caboclos lavando roupa na enchente em Manaus (AM)
6889	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Mercado, Manaus	Feira ao lado do mercado de Manaus (AM)
6884	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Mercado, Manaus	Feira ao lado do mercado de Manaus (AM)
8110	130110	fev.1966	Chagas, Hernondino; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Flutuante à margem do Careiro (AM)
7003	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Fileira de casas palafitas na rua Beira Mar em Educandos, Manaus (AM)
6639	1302603	1954	Guerra, Antonio José Teixeira, 1924-1968; Somlo, Tomas	Constantinópolis, Manaus	Habitações de Constantinópolis em Manaus (AM)
6640	1302603	fev. 1954	Guerra, Antonio José Teixeira, 1924-1968; Somlo, Tomas	Constantinópolis, Manaus	Habitações de Constantinópolis em Manaus (AM)
6638	1302603	fev. 1954	Somlo, Tomas	Constantinópolis, Manaus	Habitações de Constantinópolis em Manaus (AM)
6683	1302603	déc. 50	Jablonsky, Tibor	Igarapé Cachoeirinha, Manaus	Igarapé Cachoeirinha, vendo-se ao fundo casas inundadas (AM)
42568	1302603	19--	-	Manaus, Vista Parcial da cidade	Igarapé de Manaus : [vista parcial da cidade] : Manaus, AM
7181	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé dentro de Manaus (AM)
7178	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé dentro de Manaus (AM)
7179	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé dentro de Manaus (AM)

7180	130260	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé dentro de Manaus (AM)
7034	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
7033	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
7185	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
7032	130260	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
7053	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
6910	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
6921	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
7027	130260	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Igarapé em Manaus (AM)
6975	1302603	mar. 1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Igarapé perto da fábrica I.B. SABBA em Manaus (AM)
6976	1302603	mar. 1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Igarapé perto da fábrica I.B. SABBA em Manaus (AM)
6947	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Igarapé Educandos, Manaus	Igarapé perto do bairro Educandos em Manaus (AM)
7054	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Igarapé São Jorge, Manaus	Igarapé São Jorge em Manaus (AM)
7052	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Igarapé São Jorge, Manaus	Igarapé São Jorge em Manaus (AM)
7056	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Igarapé São Jorge, Manaus	Igarapé São Jorge em Manaus (AM)

7051	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Igarapé São Jorge, Manaus	Igarapé São Jorge em Manaus (AM)
7760	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Panorâmica da cidade de Manaus (AM)
7761	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Panorâmica da cidade de Manaus (AM)
7764	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Panorâmica da cidade de Manaus (AM)
7765	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Panorâmica da cidade de Manaus (AM)
8137	130260	-	-	Manaus	Porto de Manaus, vendo-se flutuante (AM)
7744	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Praia do mercado vendo-se embarcações pequenas e flutuantes em Manaus (AM)
4260 9	1302603	19--	-	Rio Negro, Manaus	Rio Negro : casa flutuante : Manaus, AM
6882	130260	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Mercado, Manaus	Rio Negro vendo-se embarcações ao lado do mercado de Manaus (AM)
6662	1302603	fev. 1954	Guerra, Antonio José Teixeira, 1924-1968; Somlo, Tomas	Porto, Manaus	Roadway do porto de Manaus (AM)
6948	130260	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Rua Beira Mar no Bairro Educandos em Manaus (AM)
7583	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Rua de madeira na cidade flutuante em Manaus (AM)
7584	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Rua de madeira na cidade flutuante em Manaus (AM)
7585	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Rua de madeira na cidade flutuante em Manaus (AM)
6985	1302603	mar. 1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Manaus	Uma casa palafita em Manaus (AM)
4258 7	1302603	19--	Neto, Antônio	Manaus	Vista aérea da cidade : Manaus, AM

7740	1302603	1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Vista da cidade de Manaus (AM)
6670	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Rio Negro, Manaus	Vista da cidade de Manaus tirada do Rio Negro (AM)
7750	-	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Mercado, Manaus	Vista da praia do mercado em Manaus (AM)
7748	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Mercado, Manaus	Vista da praia do mercado em Manaus (AM)
7749	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Mercado, Manaus	Vista da praia do mercado em Manaus (AM)
7745	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Praia, Manaus	Vista da praia em Manaus (AM)
7746	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Praia, Manaus	Vista da praia em Manaus (AM)
7298	1302603	fev. 1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Vista do cais flutuante para terra firme em Manaus (AM)
6700	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Cachoeirinha, Manaus	Vista do Igarapé Cachoeirinha em Manaus (AM)
7388	130260	1966	Chagas, Hernondino; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Educandos, Manaus	Vista do Igarapé dos Educandos em Manaus (AM)
7958	130260	fev.1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Manaus	Vista de Manaus (AM)
6801	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Mercado, Manaus	Vista do Mercado Municipal de Manaus (AM)
6964	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Vista do Rio Negro do alto dos barrancos dos Educandos em Manaus (AM)
6966	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Vista do Rio Negro do alto dos barrancos dos educandos em Manaus (AM)
6967	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Vista do Rio Negro do alto dos barrancos dos Educandos em Manaus (AM)
6968	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Vista do Rio Negro do alto dos barrancos dos Educandos em Manaus (AM)

6965	1302603	1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Educandos, Manaus	Vista do Rio Negro do alto dos barrancos dosEducandos em Manaus (AM)
6872	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Mercado, Manaus	Vista do Rio Negro perto do mercado de Manaus (AM)
6802	1302603	1953	Jablonsky, Tibor; Soares, Lúcio de Castro	Mercado, Manaus	Área alagada próxima do Mercado Municipal em Manaus (AM)
8193	130260	1978	-	Rio Negro, Manaus	Vista parcial de Manaus, trecho do Rio Negro ao fundo (AM)
7758	1302603	fev.1965	Aranha, Wilson de Souza; Dias, Catharina Vergolino, 1928-	Cidade flutuante, Manaus	Vista dos flutuante em Manaus (AM)
7015	1302603	mar. 1958	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Rio Negro, Manaus	Vista do Rio Negro vendo-se à margem do Cocho em Manaus (AM)
6874	1302603	mar. 1968	Jablonsky, Tibor; Valverde, Orlando, 1917-2006	Rio Negro, Manaus	Vista do Rio Negro, vendo-se embarcações e mercado de Manaus (AM)



Imagem 40: Aspecto da cidade flutuante em Manaus. (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. 1965)



Imagem 41: Aspecto do bairro Constantinópolis alagado em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. 1953)



Imagem 42: Bairro com casas de madeira em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. 1965)

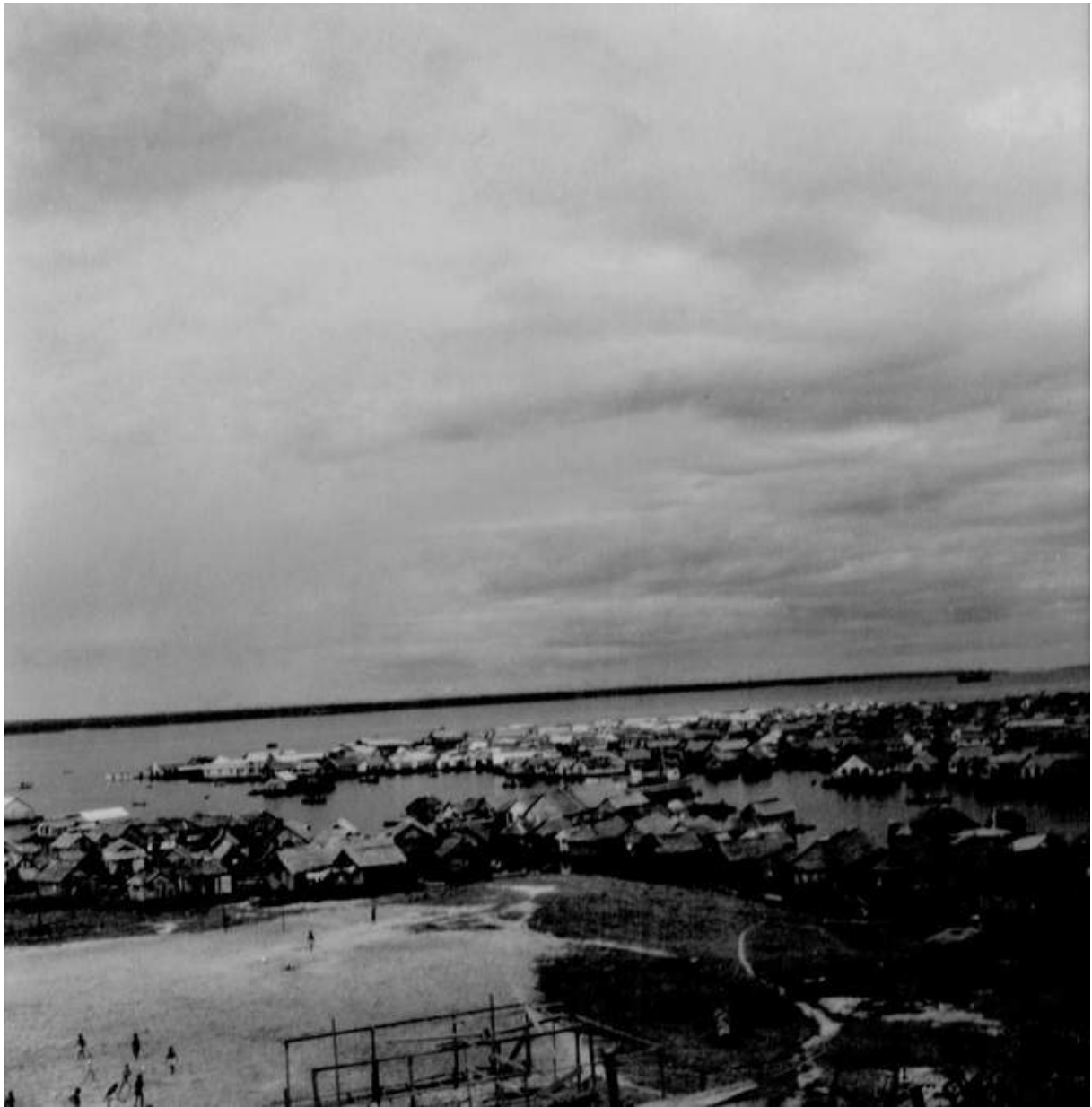


Imagem 43: Bairro dos Educandos em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. 1965)



Imagem 44: Casas inundadas em Igarapé Cachoeirinha, Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Lúcio de Castro Soares. 1953)



Imagem 45: Cidade flutuante em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. fev. 1965)



Imagem 46: Detalhe da cidade flutuante em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino. fev. 1965)



Imagem 47: Embarcação em frente as casas inundadas pela enchente em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Lúcio de Castro Soares. 1953)



Imagem 48: Família de caboclos lavando roupa na enchente em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Lúcio de Castro Soares. 1953)



Imagem 49: Família flagelada pela enchente vivendo a beira d'água em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Lúcio de Castro Soares. 1953)



Imagem 50: Feira ao lado do mercado de Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Orlando Valverde. mar. 1968)



Imagem 51: Fileira de casas palafitas na rua Beira Mar em Educandos, Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Orlando Valverde. mar. 1958)



Imagem 52: Habitações de Constantinópolis em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Antônio José Teixeira Guerra, Tomas Somlo. mar. 1954)



Imagem 53: Rua de madeira na cidade flutuante em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino Dias. fev. 1965)



Imagem 54: Vista da praia em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Wilson de Souza Aranha, Catharina Vergolino Dias. fev. 1965)

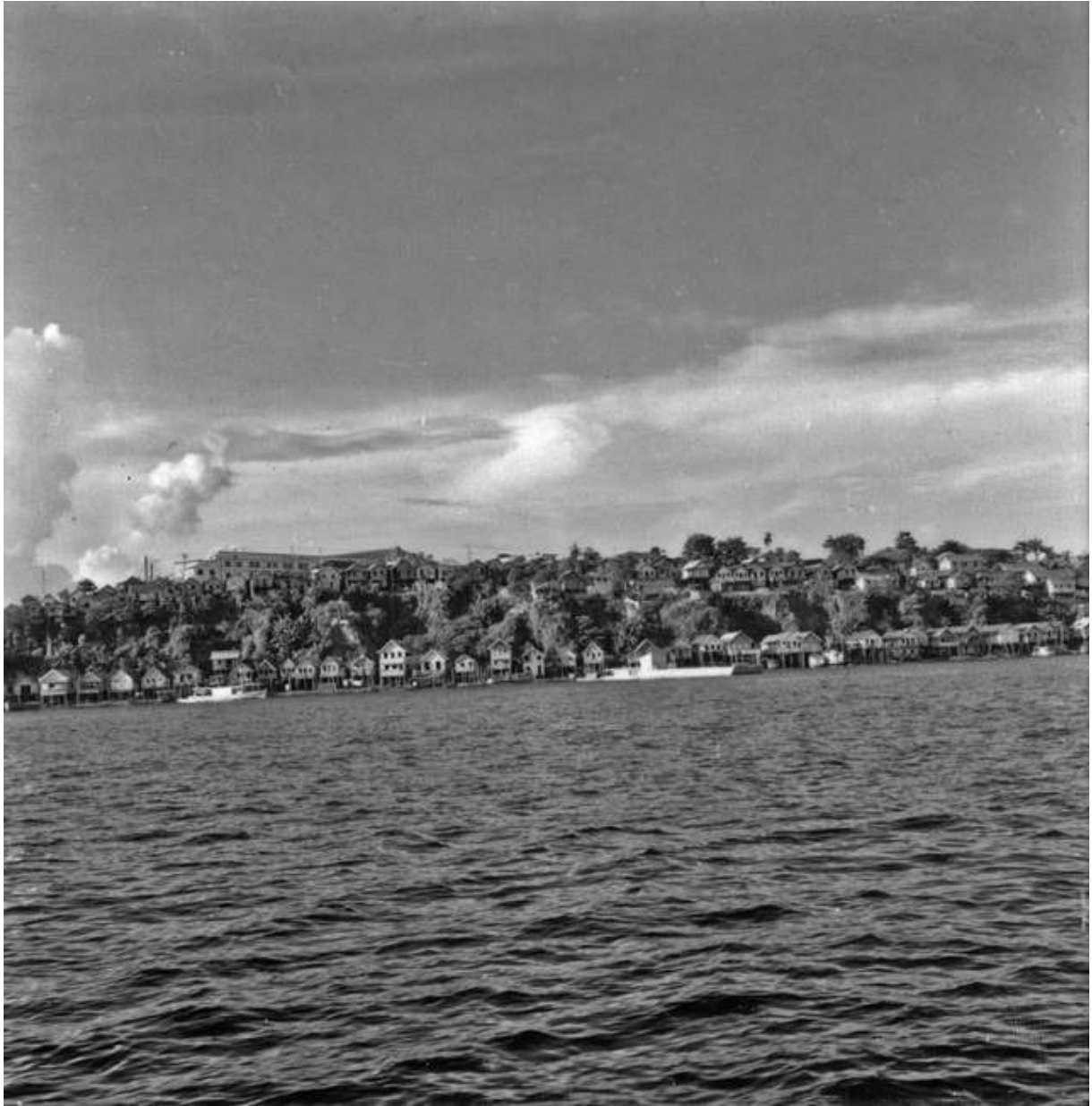


Imagem 55: Vista do Igarapé dos Educandos em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Hernondino Chagas, Catharina Vergolino Dias. 1966)



Imagem 56: Vista do Rio Negro do alto dos barracos dos Educandos em Manaus (AM). (Fonte: Biblioteca Digital do IBGE / Foto: Tibor Jablonsky, Orlando Valverde. 1958)

ACERVO FOTOGRÁFICO DO IMS - MARCEL GAUTHEROT

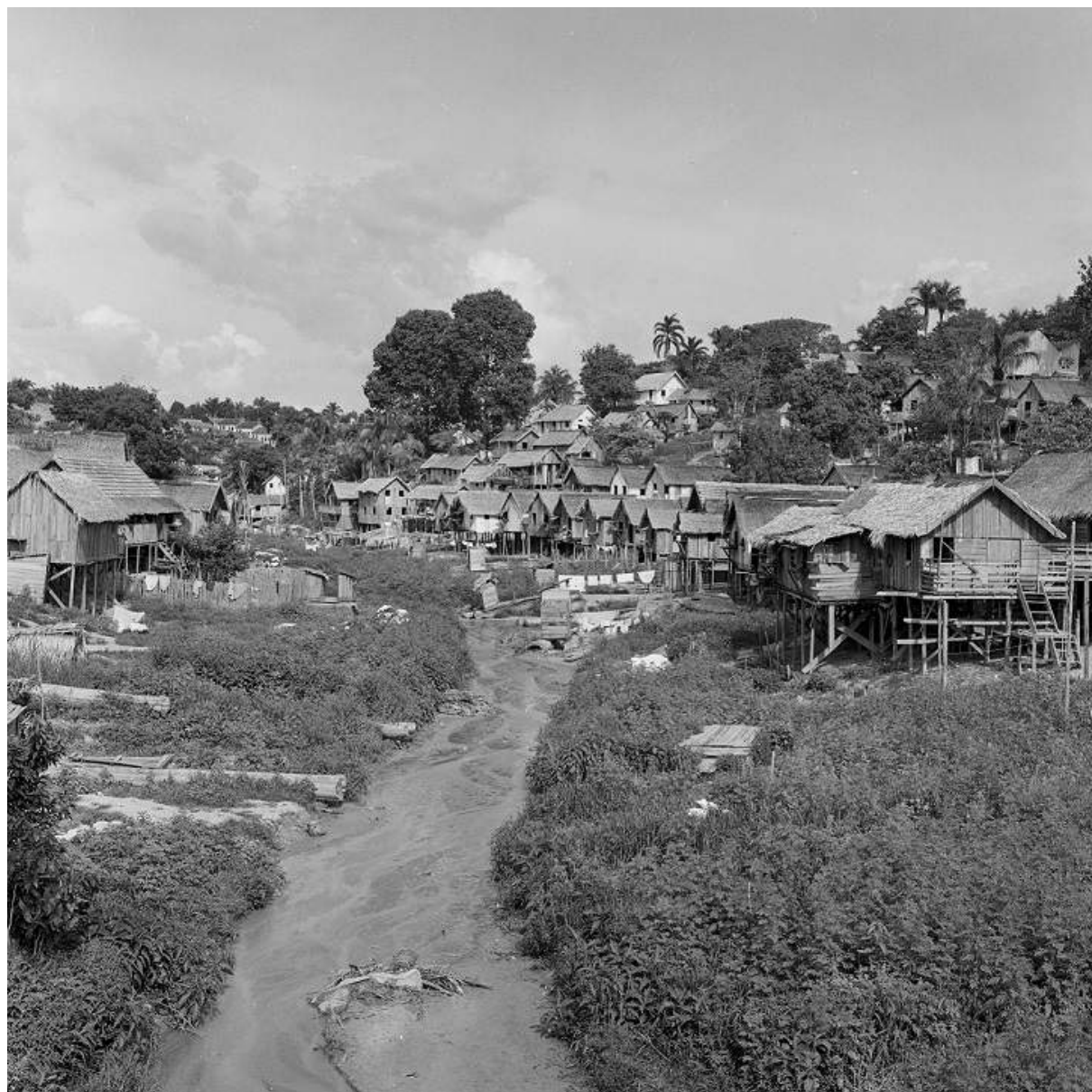


Imagem 57: Palafitas no igarapé. Sem nome dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 58: Orla do Amarelinho. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 59: Palafitas e rio ao fundo. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 60: Palafita e Flutuantes. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 61: Palafita e elementos do cotidiano com rio ao fundo. Sem título próprio dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 62: Orla do Amarelinho e redes de pesca. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 63: Menina com as frutas. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)

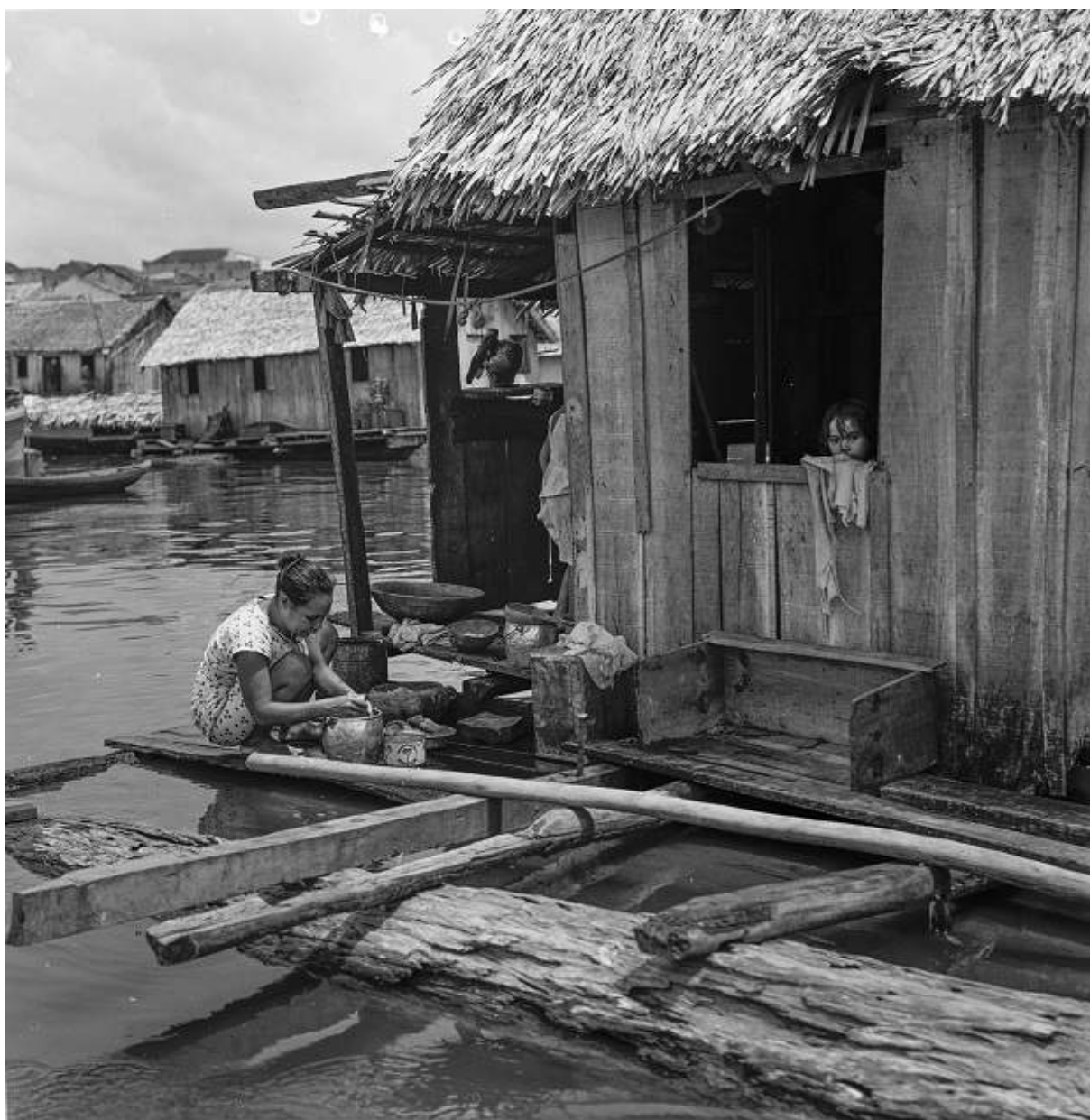


Imagem 64: Moça lavando roupa e criança na janela. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 65: Flutuantes e passarelas. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 66: Flutuantes com telhado de palha em construção. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 67: Cidade Flutuante. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)



Imagem 68: Moças na passarela. Sem título dado pelo autor. (Fonte: Acervo fotográfico do IMS / Foto: Marcel Gautherot, entre 1955 e 1966)

As fotografias destacadas para o relatório são apenas uma seleção breve das imagens de palafitas, retratos do cotidiano, flutuantes e outros locais, recolhidas da Biblioteca Digital do IBGE - ver tabela 12. O ponto positivo mais relevante das fotografias do IBGE em relação às do acervo do IMS é que nelas há data, título e local da foto. Isso possibilita assimilar simultaneamente os elementos do espaço da imagem com a localização na cidade de Manaus,

possibilitando traçar novos caminhos historiográficos sobre o tema da precariedade. Nelas é possível ter um panorama geral dos padrões de moradia da época fotografada, bem como a inserção dessas habitações na cidade. Há também fotografias que mostram a cheia do rio e como ele incide nas casas, assim como na dinâmica da vida cotidiana da população. Em algumas fotos há até o mês em que ela foi tirada, possibilitando um cruzamento do regime dos rios e como funcionava a vida nesses momentos.

A seleção de fotos do acervo do IMS do fotógrafo Marcel Gautherot traz um pouco de seu olhar e dados para os objetivos da pesquisa. Cabe ressaltar que diferente do acervo do IBGE que foi analisado por inteiro pelo termo Manaus, as fotos acima dizem respeito a apenas uma pré-seleção de imagens de Marcel Gautherot no acervo do IMS. A captura de momentos banais da vida nos assentamentos úmidos, muitos deles na Cidade Flutuante, fazem das fotografias do autor um importante elemento para a caracterização historiográfica da precariedade em Manaus. Como é possível ver acima, o fotógrafo capta momentos de construção de telhados de palha, de meninas carregando frutas à mulheres lavando roupa, além de botar em perspectiva também a fisionomia das casas dessa população por meio de fotos mais distantes.

Ambos os acervos possuem fotografias que datam da década de 50 à 70 e retratam muitas vezes a mesma região de Manaus, porém sob olhares diferentes. Ao mesmo tempo, as fotografias do IBGE trazem consigo importantes dados que localizam a imagem no território e datam-a, e Marcel Gautherot consegue trazer um olhar mais próximo do cotidiano dos moradores de palafitas e flutuantes. Obviamente, ambos com o viés - enquadramento, escolha dos objetos, momento e afins - que cada fotógrafo proporciona às suas imagens.

5. Conclusões

A partir do levantamento de reportagens e fotografias foi possível traçar um caminho sobre a história da precariedade habitacional em Manaus. No Jornal do Comercio do Amazonas o destrinchamento de termos demonstrou uma narrativa que relaciona os assentamentos úmidos à pobreza, sujeira, problemas sociais, criminalidade e violência, enfim, a marginalização dessa população. Já nas fotografias dos acervos digitais do IBGE e do IMS foi possível dar cara à essa forma de morar tão relacionada ao rio, à tradições e costumes locais, e ao mesmo tempo, uma situação precária de se viver.

É impossível desvincular as palafitas e flutuantes e seus aglomerados no território como se não uma manifestação dos saberes e técnicas populares. Ao mesmo tempo, cabe à essa pesquisa elucidar as dificuldades envolvidas nessa forma de habitar, a partir do momento em que os habitantes de palafitas e flutuantes se deparam com problemas de saúde, salubridade e outros fatores importantes para o desenvolvimento de uma vida saudável e digna. Ademais, é inevitável não dizer que a população que habita esses locais vêm de um cenário de pobreza - como as gerações de migrantes nordestinos que em busca de trabalho vieram tentar a vida no norte, ribeirinhos da própria região fugindo das enchentes e se fixando em território urbanizado, porém ainda sim próximo ao rio, etc. - e continuam na pobreza.

O modo de vida ribeirinho que existe há tempos, e que não só envolve o construir sua casa próxima ao rio, mas o tirar da água seu sustento, realizar seu lazer, sua higiene e suas outras tarefas para vida cotidiana, é um modo de vida popular, tradicional e brasileiro. Dessa forma, cabe também ressaltar o cuidado de análise em diferenciar o que se caracteriza como precariedade e o que é intrínseco à tradição popular desse modo de habitar.

Os assentamentos que frequentemente surgiram na pesquisa dos acervos, como a Cidade Flutuante, o bairro de São Raimundo, Educandos, Igarapé do 40, Cachoeirinha e etc., são exemplos de como condições precárias de habitação incidiram sobre a população moradora de flutuantes e palafitas. Não é a forma de vida palafítica ou flutuante em si que é precária, e sim as condições sociais que essas pessoas são obrigadas a viver. Dessa forma, cabe além de buscar fontes bibliográficas para caracterização e historiografia da precariedade habitacional em Manaus, esclarecer as possibilidades de narrativas criadas sobre a população pobre e sua forma de viver na cidade.

No Jornal do Commercio do Amazonas, há uma linha narrativa que transparece desde os meados do século XX, época em que o jornal foi criado. Sempre as palafitas, flutuantes, e conseqüentemente os igarapés onde se localizaram, foram assimiladas como favelas, ambientes sujos e violentos, onde ocorrem crimes, atividades ilícitas e territórios à parte da área urbanizada da cidade - assim como o é até hoje em todo Brasil, onde há a cidade tida como informal e a cidade tida como formal. As ações estatais de extinção, remoção e limpeza dos locais onde moravam essa população sempre foram exaltados em matérias do jornal, entretanto, quase nada se fala sobre para onde foram essas pessoas, para onde foram levadas, ou até o que o governo fez para as auxiliar.

A partir dos anos 80 é notável que no Jornal do Commercio as obras de infraestrutura e as políticas de saneamento ganharam grande relevância, tendendo a elogiar tais ações que chegavam nos bairros, porém, mesmo medida após medida fica claro que os problemas não foram resolvidos. A Manaus Moderna e o Prosamim são exemplos importantes de como as ações estatais visando modernizar a cidade e resolver a poluição de igarapés e as moradias foram violentas, desterritorializando as famílias dos lugares onde viviam na qual possuíam - como afirma-se nas leituras de matérias, como o retorno incessante dos flutuantes em diversos

locais de Manaus - intensa ligação, sentimento de comunidade e identificavam-se como seus lares.

Não sabe-se ao certo que camada(s) social(is) eram seus leitores, mas claramente o Jornal do Commercio era um jornal escrito com a visão hegemônica do período, preconizando um projeto para cidade de desenvolvimento e modernização onde não havia espaço para os pobres, marginais, moradias ultrapassadas de palha e madeira, sujeira e violência.

Das fotografias levantadas, tanto pelo IBGE quanto pelo IMS, ilustra-se bem a vida levada pela população das palafitas e flutuantes. Mesmo sendo restrita à um período de duas décadas (1950-1970), as imagens estão inseridas no ápice da Cidade Flutuante e também de ocorrência de diversas palafitas espalhadas pelos igarapés de Manaus, sendo as mais frequentes nas fotos as de Educandos e a Cidade Flutuante. Além de mostrar um panorama dos aglomerados de casas, muitas das fotografias dos dois acervos mostra os habitantes fazendo tarefas cotidianas, ou simplesmente vivendo algum momento espontâneo. O mercado e os barcos também aparecem, e o rio inevitavelmente está presente na grande maioria das imagens.

Por meio das fotografias abre-se possibilidade de observar os detalhes, os padrões, as características e até mesmo os hábitos da população, onde obviamente há a influência do recorte e o olhar do fotógrafo, mas que mesmo assim proporciona informações relevantes para materializar e espacializar o tema da precariedade habitacional em Manaus. O fato de as fotografias do IBGE apresentarem datas e o local onde foram tiradas também contribuem para a localização no espaço da cidade, possibilitando o início de um mapeamento dos locais de assentamentos precários úmidos na história manauense.

É possível concluir que Manaus possui um quadro de precariedade habitacional que é histórico e é marcado tanto por ações estatais quanto pela hegemonia de interesses das elites

locais, onde a desigualdade social foi um dos princípios que impulsionaram o próprio desenvolvimento regional - vide o ciclo de borracha por exemplo. Disso tudo, a população pobre nunca pôde ter tranquilidade em relação ao local que habitava, pois ao mesmo tempo em que tentava estabelecer-se em algum local, próximo ao rio ou à algum igarapé, ou por apego aos costumes ribeirinhos, ou pois eram as áreas possíveis de ocupar, o poder público com respaldo de camadas da sociedade manauense utilizava de mecanismos não só concretos, como remoções, obras públicas, e afins, mas da narrativa sobre as palafitas e flutuantes, via meios de comunicação da época, como os jornais.

Diante do encontrado em jornais e nas fotografias pesquisadas, há a possibilidade do refinamento da pesquisa e do cruzamento de dados, também podendo ser adicionadas novas fontes bibliográficas, onde abrem-se caminhos para o mapeamento dos assentamentos precários úmidos em Manaus ao longo do século XX e início do XXI, indícios de onde moradores dos igarapés foram removidos e novos bairros ou conjuntos habitacionais lançados e são possíveis locais para onde essas pessoas se mudaram, além de caracterizar as palafitas e flutuantes nos diferentes bairros da cidade, por exemplo, o tamanho das pernas das palafitas, as portas e janelas da casa, seu telhado, os materiais que são feitas, etc. Nesta pesquisa, abrem-se possibilidades de contar por um outro lado a história marginalizada e invisibilizada de um modo de vida popular e regional, enfatizando as causas e os agentes envolvidos na produção da precariedade manauense e apontando caminhos para alternativas que respeitem e enfatizem a importância da preservação costumes populares atrelados à uma vida digna e justa.

Referências

- CANELLAS, Carlos Fernando. *A Guerra contra os Manáos de 1722 a 1728 e a predação portuguesa aos índios do rio Negro*. Artigos de Pesquisas Premiados do 13º Encontro de Iniciação Científica da PUC-SP. Disponível em: <http://www.geocities.ws/carloscanellas/download/a022.pdf>
- MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900)*. 2005. Tese de Doutorado. História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.
- OLIVEIRA JR, Jair Antônio de. *Habitação ribeirinha sobre as águas do Amazônia: habitat em ambientes complexos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- OLIVEIRA, José Aldemir. *Espaço-Tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano*. In: Revista Espaço e Cultura - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, nº23. Rio de Janeiro, 2008.
- OLIVEIRA, José Aldemir. *A invenção geográfica da Amazônia*. In: Revista GeoUECE - Universidade Estadual do Ceará, volume 3, nº5. Fortaleza, 2014.
- OLIVEIRA, José Aldemir; GURGEL, Núbia Iranildes Fernandes. *Moradias Em Áreas Inundáveis: As Intervenções Do Prosamim Em Manaus – Zona Oeste*. II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte. Belém, 2010.
- SIMÕES, Isabella De Bonis Silva. *Da Cidade ao Igarapé: Uma arquitetura de morar para Manaus*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Escola da Cidade. São Paulo, 2017.
- SOUZA, Leno José Barata. *A “Cidade Flutuante” de Manaus: discutindo conceitos*. AEDOS, v. 3, n. 6. UFRGS - Porto Alegre, 2010.
- SOUZA, Leno José Barata. *“Cidade Flutuante” uma Manaus sobre as águas (1920-1967)*. 2010. Tese de Doutorado. Departamento História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.
- SOUZA, Roberto Fontes de. *Economia e produção do espaço urbano precário: um olhar para o processo de urbanização da cidade de Manaus*. XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ENANPUR. São Paulo, 2017.
- SOUZA, Roberto Fontes de. *Urbanização sobre as águas: um panorama das intervenções do PROSAMIM em Manaus*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- VALLE, Geraldo Jorge Tupinambá do. *A cidade do esquecimento: Manaus entre a memória das ausências e as ausências da memória*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.